



INOVAÇÃO

NO PROJETO *ROAD TO DOHA*,
ALUNOS TROCARAM
EXPERIÊNCIAS COM JOVENS
DO QATAR E DOS ESTADOS UNIDOS

FAMÍLIA

COMO AMPLIAR A PARCERIA
DE PAIS, FILHOS E ESCOLA

PROFESSORES

ELES TAMBÉM ESTUDAM PARA
ENSINAR CADA VEZ MELHOR





EDITORIAL

Caros leitores,

Vivemos em uma era curiosa, na qual muito se registra mas pouco fica, de fato, na memória. Quando pensamos no jovem, então, esse fenômeno é ainda mais gritante. Veloz, fugaz, instantâneo: para ele tudo acontece agora e, de preferência, em versão de 140 toques ou menos. O que não quer dizer que as experiências sejam vividas com menor intensidade. Pelo contrário, os conflitos e suas inevitáveis resoluções adquirem proporções tremendas graças ao potencial multiplicador das redes sociais.

E quanto aos triunfos do cotidiano escolar? Por serem menos imagéticos, ou dramáticos, estariam fadados ao esquecimento? Quero crer que os projetos apresentados, os trabalhos, as provas deixem rastros importantes na história pessoal de seus protagonistas. Esta revista surge como uma forma de resgatar esses eventos. Ao preservá-los no papel, espero contribuir para que alunos, professores e o restante da equipe que atua no colégio reflitam sobre o quanto construíram em 2013.

Algumas vitórias foram, literalmente, suadas. É o caso da turma que levou a taça na 13ª edição da Copa Stockler de Futebol Society. Outras aconteceram à base de muita emoção. Impossível não vibrar diante da entrega, da solidariedade e do jogo de cintura dos alunos que subiram ao palco durante a Mostra de Teatro de Repertório, por exemplo. Sobrou coragem e desenvoltura também para os estudantes que participaram do projeto Road to Doha ao encararem diversas videoconferências, em inglês, com colegas dos EUA e do Qatar. Já os textos produzidos pelos alunos e reproduzidos na revista estão aí para provar que nossos jovens estão, sim, dispostos a debater os temas mais polêmicos da atualidade.

Boa leitura!

Marcos Stockler

Professor Stockler



DIRETOR EXECUTIVO
Marcos Stockler

DIRETORAS ADJUNTAS
Julia Stockler
Mariana Stockler

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Agostinho Marques Filho

DIRETORES PEDAGÓGICOS
Almir Bunduki
Josely Magri
Sonia Borghi

COORDENADOR PEDAGÓGICO
Leonardo Murasaki

SUPERVISOR DA ÁREA DE HUMANIDADES
Eduardo Valladares

SUPERVISOR DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
Dononzor Sella

ORIENTADORAS EDUCACIONAIS
Kátia Ritzmann
Maria José Gimenes
Giselle Pretti
Sueli Garcia

O Ano em Revista é uma publicação do Colégio Stockler, com conteúdo e design produzidos pela agência PiU Comunica.

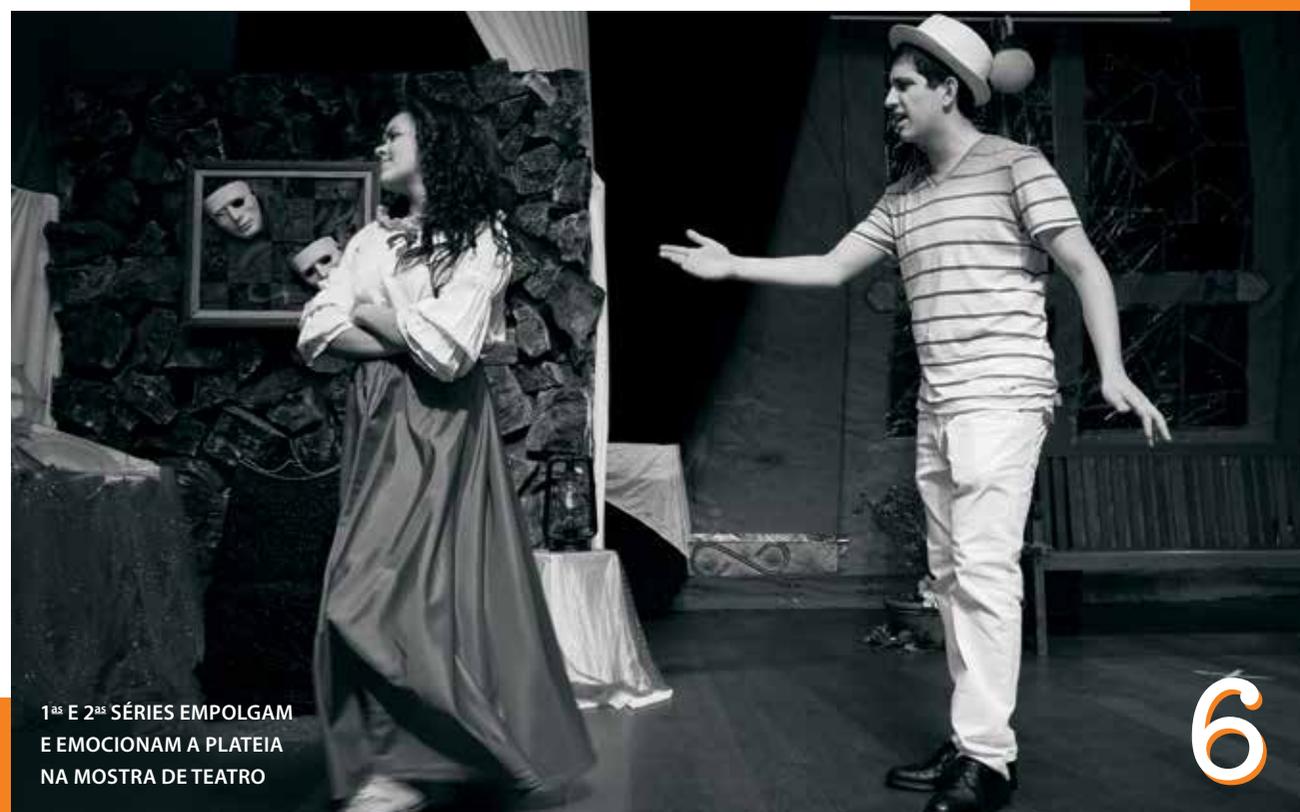
PiU comunica!

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Anna Angotti e Claudia Carmello
EDIÇÃO

Paula Takada
PROJETO GRÁFICO E DESIGN
Maíra Tanaka
REPORTAGEM

Ana Paula Severiano, Elisângela Fernandes e Paula Nadal
REVISÃO
Silvana Vieira

Impressão Margraf



6. Eventos

Festas, apresentações de teatro, campeonato de futebol. Uma retrospectiva das atividades que rolaram fora das salas de aula ao longo de 2013

18. Escola sem fronteiras

Projeto interdisciplinar promove intercâmbio cultural via web entre os jovens do Stockler, do Qatar e dos Estados Unidos

26. Pais parceiros, filhos independentes

10 dicas para apoiar ainda mais os estudos sem prejudicar a construção da autonomia dos adolescentes

38. Professores em permanente desenvolvimento

Palestras, formações, avaliações. Iniciativas do Colégio Stockler para manter a equipe docente em aperfeiçoamento constante



48. Mural dos alunos: Observação

Registros de trabalhos de campo feitos em Belo Horizonte, Ouro Preto, Mariana, Brumadinho, Cananeia e pelas ruas de São Paulo

58. Mural dos alunos: Reflexão

Textos narrativos e argumentativos que representam o percurso de formação crítica dos estudantes diante da realidade que os cerca

74. Ponto final

O belo resultado de um projeto interdisciplinar sobre cultura africana



1ª série C apresentou *Na moral, cadê minhas presas?*



CICLO TEATRAL

MOSTRA DE TEATRO 2013 EMOCIONA PAIS E ALUNOS

Espontaneidade, improviso e segurança marcaram a atuação dos alunos de 1ª e 2ª séries do Ensino Médio

Interpretar textos de Ariano Suassuna, Molière, Artur de Azevedo, França Júnior e do professor de teatro Celso Solha foi o desafio dos estudantes na Mostra de Teatro de Repertório e Dramaturgia Stockler 2013.

As apresentações foram o resultado do trabalho iniciado no primeiro semestre, com a realização de diferentes oficinas. “Além da questão estética, buscamos desenvolver o trabalho coletivo, o entrosamento e o respeito pelo outro”, explica Celso, diretor, dramaturgo e professor do colégio há 13 anos.

Para Helena Mendes e Carlos Brossa, pais de Bruna Brossa, da 1ª série D – que interpretou *Cancão*, em *O casamento suspeito*, de Suassuna –, ►



EVENTOS

Uma retrospectiva da programação cultural e esportiva do Stockler

texto ELISANGELA FERNANDES

© Carolina Gonzalez

a peça foi muito divertida. “Vibre ao ver minha filha atuando”, diz, orgulhoso, o pai da estudante.

No blog www.teatroderepertorio.stockler.blogspot.com.br você encontra uma breve sinopse de cada espetáculo e informações das mostras passadas.

Espetáculos 2013

Direção e adaptação dos textos
Celso Solha
Assistente de direção
Carol Gonzalez

21/10
O casamento suspeito,
de Ariano Suassuna (1ª série D)

22/10
Vamos bater um papo...
Papo?, texto final de Celso
Solha (1ª série E)

23/10
A capital federal, de Artur
Azevedo (1ª série B)

26/10
**Na moral, cadê minhas
presas?**, texto final de Celso
Solha (1ª série C)

27/10
As sabichonas, de Molière
(1ª série A)

28/10
**Como se fazia um
deputado**, de França Júnior
(2ªs séries)



Alunos da 2ª série apresentaram *Como se fazia um deputado*



1ª série B apresentou *A capital federal*



© Carolina Gonzalez



1ª série E apresentou *Vamos bater um papo...Papo?*



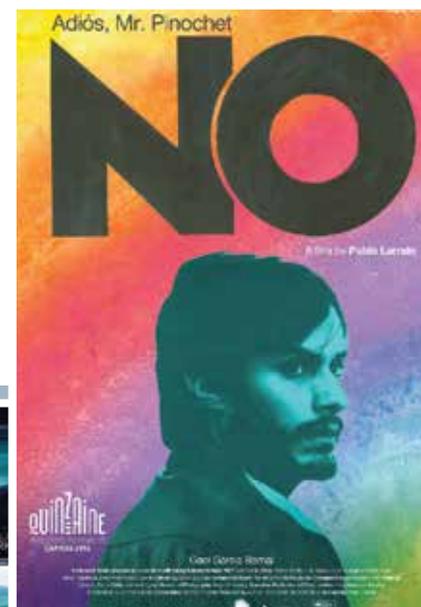
As sabichonas, montagem da 1ª série A



Equipe de produção da 1ª série E



O casamento suspeito, da 1ª série D



CINE PIPOCA

Na telona, os conteúdos das aulas

Ao longo do ano, diferentes sessões de cinema foram realizadas no auditório do próprio colégio. Articulados aos temas trabalhados em classe, foram exibidos os filmes:

Oscar Niemeyer: a vida é um sopro (2010, direção de Fabiano Maciel), para a 2ª série do Ensino Médio

Capitães da areia (2011, direção de Cecília Amado e Guy Gonçalves), para o 9º ano do Ensino Fundamental

Ilha das flores (1990, direção de Jorge Furtado), para a 1ª série do Ensino Médio

História das coisas (2007, direção de Louis Fox), para a 1ª série do Ensino Médio

CINE DEBATE

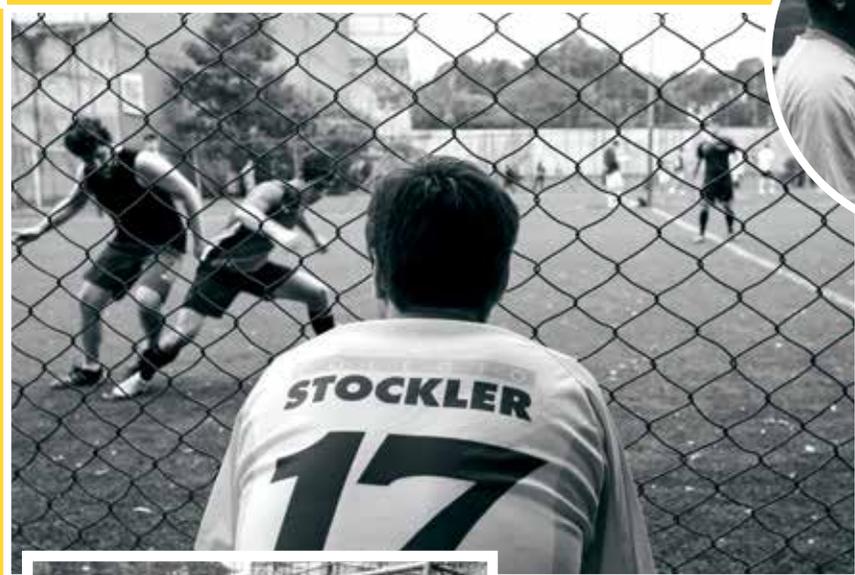
SESSÕES EXCLUSIVAS PARA AMPLIAR O REPERTÓRIO

Projeções de filmes para os alunos, pais, professores e convidados fazem parte da agenda cultural do ano letivo. As sessões são sempre aos sábados, no Espaço Itaú de Cinema, e logo em seguida é realizado um debate. São entregues textos e materiais de apoio que ajudam o público a compreender os contextos históricos, políticos, sociais e culturais em que as histórias se passam.

Em abril, foi apresentado o longa americano *Argo*, do diretor Ben Affleck (2012), que suscitou muitas discussões sobre a relação dos Estados Unidos com os países do Oriente Médio, em especial o Irã. No mesmo mês, outra sessão trouxe o documentário

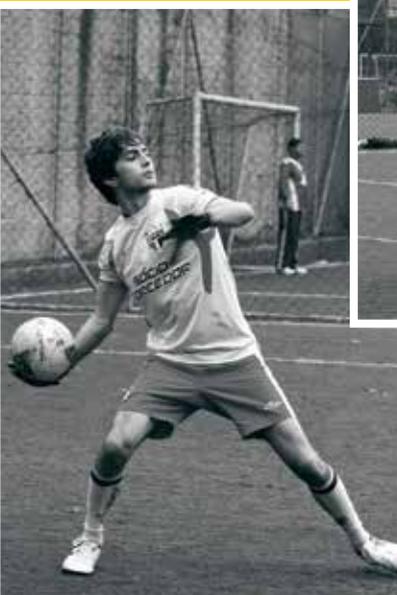
Pátria proibida, dirigido por Christopher Dillon Quinn e Tommy Walker, que conta a história de três garotos sudaneses foragidos da guerra civil, que começam uma nova vida na América. Em setembro foi a vez de *No*, dirigido por Pablo Larraín, que gerou discussões sobre as ditaduras na América Latina.

“Esse projeto é realizado há cinco anos e busca aproximar os alunos da linguagem do cinema e ampliar o seu repertório de filmes não comerciais. A cada sessão fazemos uma grande discussão e refletimos sobre diferentes temas, como indústria cultural, por exemplo”, diz Eduardo Montechi Valladares, supervisor da área de Humanidades.



CAMPEONATO
**2ª B VENCE
 COPA STOCKLER
 DE FUTEBOL**

Há 13 anos o colégio realiza a Copa Stockler de Futebol Society. Desta vez o torneio foi realizado em outubro, na Escola Paulista de Society. Participaram as turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio. Foram formados também outros dois times, um por funcionários e outro por professores. Na primeira fase, das nove equipes que iniciaram a competição, oito se classificaram para as eliminatórias. Ao fim do dia, o grande vencedor foi a 2ª série B. Muitos pais (sem as mães) compareceram para prestigiar os filhos e assistir aos jogos. “Esse é um momento muito esperado pelos estudantes ao longo do ano. É muito divertido e há uma grande integração”, afirma Wilse Ricardo Francisco, o “Chico”, professor de Educação Física.



© Carolina Gonzalez



© Carolina Gonzalez



PALESTRA ESPECIAL

FUTEBOL E MATEMÁTICA, ISSO DÁ JOGO!

Aprender probabilidade com a Loteria Esportiva. Usar a Geometria Plana para entender o lance polêmico do jogo. Utilizar a análise combinatória para conhecer as possibilidades de escalação da Seleção brasileira. Esses foram os temas da palestra “Matemática aplicada ao futebol – uma abordagem prática”, que ocorreu em outubro, para as turmas da 2ª série.

Durante a exposição, os professores de Matemática Marcos

Vinicius Dias (Vini) e Fernando da Espiritu Santo Filho exibiram vídeos e apresentaram situações-problema típicas do contexto do futebol para explicar o uso dos conceitos matemáticos. E, para fechar o dia com gol de placa, os professores acompanharam os estudantes a uma visita ao Museu do Futebol.

Na ocasião, os alunos puderam ir à escola com a camisa dos seus times do coração.



© Carolina Gonzalez



ENCERRAMENTO DO 9º ANO

No ar: Depois da aula, Fora da caixa e Origem cultural

No dia 23 de novembro, durante a Manhã Cultural, pais e professores assistiram aos programas de TV “Depois da aula”, “Fora da caixa” e “Origem cultural” produzidos pelas turmas do 9º ano. O projeto interdisciplinar envolveu diferentes linguagens audiovisuais, como a publicitária, o videoclipe/videoarte, a jornalística e a documental. Para Maria Carolina Rahal Gonzalez, professora de Artes e coordenadora do projeto, um dos grandes desafios para os adolescentes foi desenvolver a oralidade e superar a timidez. “Esse foi o primeiro passo para a apresentação de teatro que eles farão em 2014 ao vivo”, lembra.

FESTA JUNINA

Quadrilha, brincadeiras, comidas típicas e muita risada

Já virou tradição. O primeiro semestre não pode ser finalizado sem a tão aguardada Festa Junina, um momento descontraído e de integração entre os alunos de todas as séries.

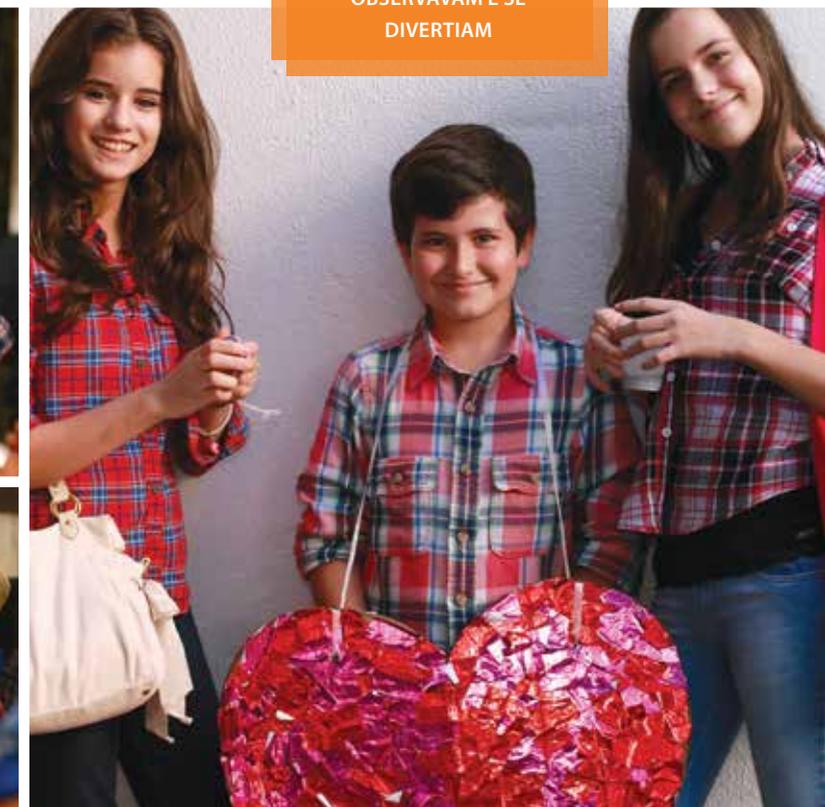
© Carolina Gonzalez



VESTIDOS A CARÁTER, OS ALUNOS, PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS DANÇARAM A QUADRILHA, ENQUANTO OS MAIS TÍMIDOS OBSERVAVAM E SE DIVERTIAM

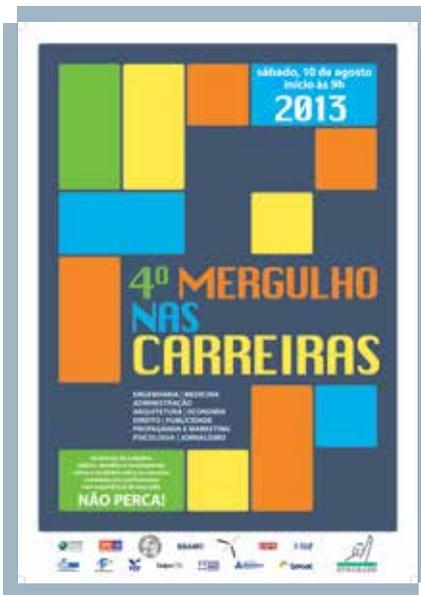


O CORREIO ELEGANTE CONTINUA SENDO UMA DAS ATRAÇÕES MAIS CONCORRIDAS DA FESTA, SEGUIDO DE PERTO PELA PRISÃO E PELAS BRINCADEIRAS COM PRENDAS



MERGULHO NAS CARREIRAS

Profissionais experientes esclarecem dúvidas dos jovens



Escolher qual profissão seguir é um dos momentos de maior tensão para os estudantes da 3ª série do Ensino Médio. Para colaborar com essa difícil decisão, há quatro anos o Stockler realiza o “Mergulho nas Carreiras”. Por meio de diferentes painéis temáticos, familiares e convidados compartilham sua trajetória acadêmica e profissional e comentam as tendências do mercado de trabalho.

Em 2013, os pais de Bernardo Machado, do 9º ano, participaram pela primei-

ra vez do evento. João Batista Machado, formado em administração, trouxe sua experiência com *coaching* e comentou as diversas possibilidades de atuação para os que escolhem essa faculdade.

Em outra sala, Sílvia Machado, publicitária, tratou da área da pesquisa de mercado, ao lado de convidados que atuam em agências. “Discutimos a importância de conhecer bem a universidade, ver o programa de cada curso para não ter surpresas ou frustrações”, comenta Sílvia.



© Mariana Stockler



BANNERS

INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO MÉDIO

Quem nunca se perguntou como surgiu o computador, como foi realizado o primeiro transplante ou ainda quem inventou a bicicleta, o laser, o avião, a câmera fotográfica, a energia elétrica ou o cinema? Essas são algumas das questões que os alunos da 1ª série do Ensino Médio buscaram responder. As professoras de Língua Portuguesa Arlete Aparecida Bannwart e Rosane Maria Silva de Luiz Cesari acompanharam todo o processo de pesquisa, que também envolveu docentes de diferentes áreas.

Os alunos escolheram os temas que desejavam pesquisar e, sob orientação das professoras, analisaram diferentes

fontes de informação, produziram e revisaram os painéis, imprimiram os banners que ficaram expostos nos corredores do Stockler, e, por fim, apresentaram o trabalho final a uma banca composta por educadores do colégio. “Ao longo dos quatro meses em que o projeto foi realizado, nós, professores, nos aproximamos ainda mais dos alunos, trocamos e compartilhamos muitas informações”, comenta Arlete.

Para Rosane, um dos grandes objetivos do projeto é que os estudantes se tornem cada vez mais autônomos na busca de conhecimento e, acima de tudo, saibam transmitir, compartilhar e defender suas ideias.



APRESENTAÇÃO DE MÚSICA

Xote e Baião

Com violão, triângulo e tambor, os alunos do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental II tocaram músicas de Dominguinhos, João do Vale, Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga. A apresentação ocorreu no dia 14 de novembro no auditório do Colégio Stockler. O evento foi a avaliação final da disciplina de Música, ministrada pelo professor Paulo José Afonso Caldas. “Ao longo do ano, além de desenvolver a prática musical, com técnicas específicas do xote e do baião, os estudantes expandiram seu repertório e passaram a conhecer alguns dos principais nomes da música popular brasileira”, orgulha-se Afonso.



© Carolina Gonzalez



CONCLUSÃO DE CURSO

Revista Resgates 2013

A nova edição traz as melhores monografias da 3ª série do Ensino Médio, como “Lixo: comércio sustentável”, de Letícia M. Antonio (3ª D); “A economia solidária e o cooperativismo popular”, de Bruna de Oliveira (3ª A); “A aliança empresarial e ambiental capitalista – Um estudo sobre o novo mercado da sustentabilidade”, de Taís Coelho (3ª A); “Recifes artificiais: suas aplicações e relação com sustentabilidade ecológica e econômica”, de Rogério Costa Filho (3ª D).

2014

Monografias

Foi dada a largada para a produção das monografias. Todos os alunos das 2ªs séries já entregaram um projeto de pesquisa que deverá ser feito ao longo de 2014. As monografias devem estar relacionadas ao tema “Futebol, cultura e sociedade”. O objetivo do projeto é que os alunos do Ensino Médio comecem a se familiarizar com as regras de pesquisa e as exigências formais do campo científico.

SAÍDA CULTURAL

Estética urbana no Mube

Em fevereiro, os alunos do 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental foram à II Bienal Internacional Graffiti Fine Art, realizada no Museu Brasileiro da Escultura (Mube). Na exposição, eles puderam conhecer os mais diversos estilos, técnicas e conceitos dessa linguagem urbana, com trabalhos de artistas de diferentes países. A visita marcou o início do projeto sobre grafite que a professora de Artes Fernanda Assumpção desenvolveu com as turmas. Durante as aulas, os estudantes assistiram a diferentes documentários e descobriram que São Paulo é considerada a capital mundial do grafite. Também conheceram mais a fundo o trabalho do britânico Basky e dos brasileiros Os Gêmeos. “Discutimos e lemos muito sobre o conceito de arte de rua, os limites entre o vandalismo, a pichação e o grafite e a relação entre o público e o privado”, comenta Fernanda.



GRAFITE

Arte das ruas dentro do colégio

Alunos do Fundamental II deram cor às paredes do Stockler com sprays

Ao longo de duas semanas, as turmas de 6º, 7º e 8º anos tiveram aulas práticas sobre as técnicas do grafite em um *workshop*. O resultado desse trabalho pode ser conferido em uma das paredes da escola, que foi grafitada pelos próprios estudantes.

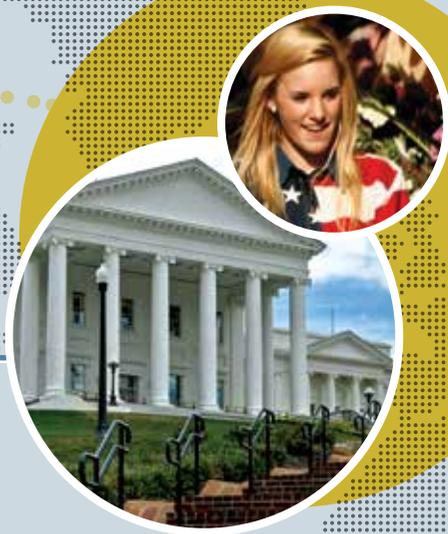
O *workshop* foi conduzido por Bruno Pastore e Julia Santos da Silva, do Projeto Quixote, uma instituição sem fins lucrativos que atende crianças e jovens em situações de risco. A instituição oferece diferentes serviços sociais, entre eles a Agência Quixote Spray Arte, cujo objetivo é gerar renda por meio do grafite. Saiba mais em www.projetoquixote.org.br.



© Fernanda Assumpção e alunos

INTERDISCIPLINARIDADE

Virgínia, EUA



Doha, Qatar



São Paulo, Brasil



ESCOLA SEM FRONTEIRAS

Um projeto inovador colocou um grupo de alunos da 2ª série do Ensino Médio em contato com estudantes do Qatar e dos Estados Unidos – e com temas importantes como sustentabilidade, política e diversidade cultural

texto ANA PAULA SEVERIANO

No primeiro semestre de 2013, alunos da 2ª série do Ensino Médio participaram de uma experiência única no Brasil, o projeto “Conectando Culturas, Explorando Ciência: Rumo a Doha”. A iniciativa encabeçada pela ONG Global Nomads Group e pela Qatar Foundation International usou como mote a COP-18, Conferência Climática da ONU em Doha, para conectar em tempo real o Colégio Stockler a estudantes dos Estados Unidos e do Qatar. O objetivo? Discutir, em videoconferências e numa plataforma de ensino online, como as mudanças climáticas afetam nossa comunidade e o planeta e de que modo essa questão se relaciona com ciência e política.

© Foter.com

"Sabíamos muito pouco sobre o Qatar. Descobrimos que temos mais em comum do que pensávamos."

Catalina Serrano, aluna



NO CONTRATURNO, OS ALUNOS PARTICIPARAM DE OFICINAS PREPARATÓRIAS PARA AS VIDEOCONFERÊNCIAS



OS PARTICIPANTES APROFUNDARAM CONTEÚDOS DE CIÊNCIAS E TREINARAM O INGLÊS

Primeiro, foi a surpresa. De um lado do telão, os alunos da Tallwood High School, na Virgínia, Estados Unidos, com suas bochechas rosadas. De outro, uma classe formada exclusivamente por meninas com a cabeça coberta por véus, da Escola Secundária Independente para Moças, no Qatar. Do lado de cá, no auditório do Stockler, os cerca de 20 alunos da 2ª série do Ensino Médio que integraram o projeto entre fevereiro e junho de 2013.

Depois, a curiosidade. Com a ajuda do Google Hangout (ferramenta para realizar chamadas com vídeo e áudio), as turmas de mesma faixa etária, mas de países tão distantes e culturas diferentes, debatiam mudanças climáticas ao mesmo tempo em que descobriam: "onde fica Doha?", "será que os meninos vão

poder aparecer no vídeo e conversar com as garotas muçulmanas?", "como eles produzem água no deserto?", "o que será que o pessoal da *high school* americana pensa sobre o protocolo de Kyoto – e sobre a negativa de seu país em assiná-lo?".

O choque foi apenas no princípio, como destaca a aluna Catalina Serrano: "Nós sabíamos muito pouco sobre o Qatar. Estudamos e descobrimos que temos mais em comum do que pensávamos e alguns problemas parecidos em nível ambiental. Foi uma quebra de estereótipos para todos. Eles, por exemplo, não imaginavam que a gente tivesse tanta riqueza de biomas aqui no Brasil".

A experiência multicultural, e esse despertar crítico a partir de um olhar para o outro, é um dos pilares do programa "Connecting Cultures, Exploring Science",

uma iniciativa da ONG Global Nomads Group, sediada em Nova York, e da Qatar Foundation, de Washington, que em 2013 envolveu 195 estudantes do Brasil, Qatar e Estados Unidos. No Brasil, o Stockler foi o único representante. "Todos se beneficiam quando têm a oportunidade de falar com alguém com um ponto de vista ou uma história diferente da sua. Em nosso mundo cada vez mais globalizado, acho importante que os alunos se sintam confortáveis fazendo perguntas e se comunicando com pessoas diferentes deles", afirma Rachel Kornhauser, mediadora da Global Nomads para o time Qatar-Brasil-EUA.

No Stockler, as videoconferências foram antecedidas por oficinas preparatórias com duração de duas horas, realizadas em horário extracurricular. Nelas, o grupo

discutia as questões propostas pelo material didático da Global Nomads e realizava suas tarefas, além de rever o conteúdo de Ciências de anos anteriores e turbinar o inglês. Paralelamente, todas as turmas de Ensino Médio da escola desenvolveram projetos interdisciplinares relacionados ao tema sustentabilidade. Depois essas produções alimentaram o blog Road to Doha, criado pelos brasileiros (www.roadtodoa.blogspot.com).

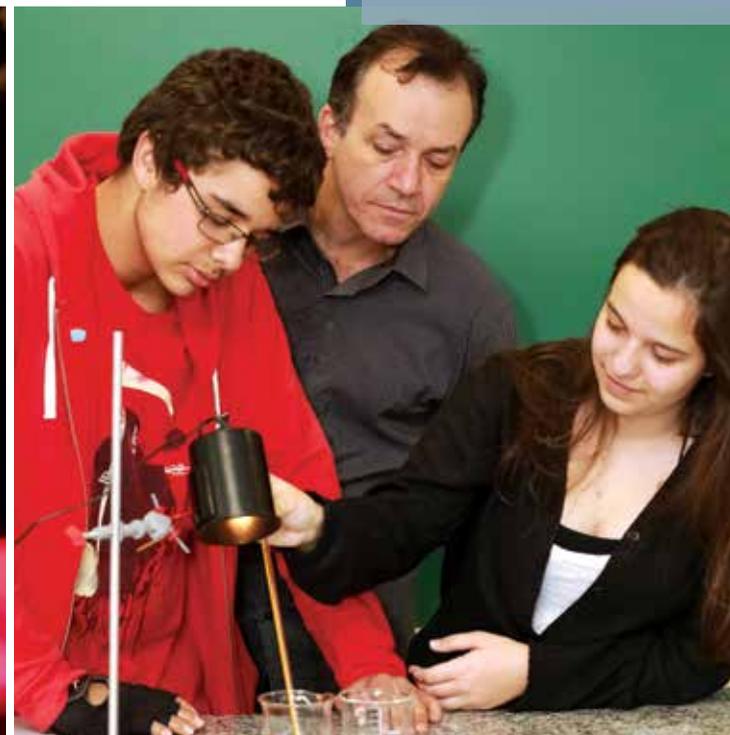
"Em uma das aulas preparatórias, fizemos uma experiência usando papéis pretos e brancos e uma luz para descobrir qual deles absorvia mais calor, sendo melhor para o meio ambiente. Isso me marcou, pois, além de aprendermos as coisas na prática, esse experimento caiu no Enem 2013, o que nos surpreendeu muito!", lembra Melina Souza, uma das participantes.

"A argumentação em inglês foi uma grande lição e uma prova da evolução do grupo ao longo do processo."

Regina Tarifa, professora de Língua Inglesa



CADA UM APRESENTAVA UM DETERMINADO TEMA E RESPONDEA A PERGUNTAS DOS COLEGAS DO QATAR



Resultados

O principal produto das oficinas do "Road to Doha" foi o blog www.roadtodoha.blogspot.com, que reúne no endereço virtual textos dos alunos elaborados na ocasião, além de vídeos, fotos e cartuns produzidos por outras séries do Ensino Médio que versam sobre mobilidade urbana, reciclagem, energias renováveis, aquecimento global e temas afins.

Os frutos do projeto vão além. "Quando o colégio me convidou para participar, eu estava fazendo uma especialização sobre tecnologias da aprendizagem. A experiência foi tão interessante que se tornou o tema da minha monografia de conclusão de curso", conta o professor Ismael Fernandes. Ano que vem, o colégio irá ao festival SXSW, em Austin, no Texas, para expor sua experiência em um painel sobre tecnologia e educação. O retorno foi tão positivo que, em 2014, haverá uma nova edição do projeto, envolvendo novamente os alunos da 2ª série do Ensino Médio para pensar a sustentabilidade além das próprias fronteiras.

O projeto envolveu diretamente três professores do colégio: Ismael Fernandes, de Biologia, que coordenou o grupo; Matheus Muller, de Ciências, que retomou com os alunos conceitos de meio ambiente e ecologia; e Regina Tarifa, responsável pelo desenvolvimento de vocabulário específico de inglês e pelo suporte aos alunos para que fizessem bom uso do idioma durante as apresentações.

Durante as conversas ao vivo, os alunos tinham que escolher uma pessoa de seu grupo para fazer apresentações sobre temas predeterminados – por exemplo, como é o transporte público na cidade de São Paulo – e também se preparar para pensar e elaborar imediatamente respostas para perguntas e debates-surpresa levantados por Rachel. Tinham ainda

a oportunidade de questionar os alunos das outras escolas. "Ouvir, interpretar, pensar, bolar as respostas e depois falar, com algumas palavras que não pertenciam ao nosso vocabulário, deixaram as entrevistas um pouco mais difíceis, mas foi uma ótima experiência", conta o aluno Felipe Gross.

Em uma dessas ocasiões, o grupo brasileiro teve disposição para questionar os adolescentes americanos sobre sua posição diante da não assinatura do protocolo de Kyoto pelos Estados Unidos. "Comunicar isso de um modo formal e com base na argumentação em inglês foi uma grande lição e uma prova da evolução do grupo ao longo do processo", diz Regina Tarifa. Matheus complementa: "Podemos ver os alunos atuando de uma maneira diferente do dia a dia em sala de

aula, revelando algumas habilidades argumentativas que não conhecíamos".

Além da inovação em usar as videoconferências e experiências para aprender sustentabilidade na prática, discutir esses assuntos fez com que os participantes mudassem alguns hábitos de consumo em seu cotidiano. Espontaneamente, eles passaram a chamar a atenção dos professores do colégio para o uso excessivo do ar-condicionado e alertar para lâmpadas acesas desnecessariamente nas salas de aula. Em casa, também estão conversando mais com as famílias sobre a importância do uso consciente dos recursos. "O programa proporciona aos participantes habilidades e conhecimentos para serem líderes ambientais em suas escolas e comunidades e lhes dá poder para agir", reforça Rachel.

Direto do blog

www.roadtodoha.blogspot.com

RENEWABLE ENERGY AND QATAR

Qatar is a great investor in sustainable development. One of the many reasons that led the country to this is the nonexistence of natural sources of water – nowadays its population counts on desalination plants supplied by fossil fuels, so developing renewable energy means more than just being a forward-thinking country, it's also a necessity. However, the country explores one of the biggest petroleum reserve in the world, and releases a high level of CO₂.

Texto da aluna
Joice Dias de Mello



PROFESSORES E PARTE DOS ALUNOS QUE INTEGRARAM O "ROAD TO DOHA" NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2013

HOW DOES GLOBAL WARMING AFFECT THE FUTURE WE WANT FOR OUR COMMUNITY AND THE WORLD?

Global warming is not something that has a good and a bad side, it only has a bad side. So we should be the generation that can change it, and make our world a little better. Because Earth is the only planet that we can live in, we should care about it. The humans are able to conquer other countries, the moon and even other planets, why can't we conquer our own hearts and try to change this situation? Even more because Earth is the only planet that welcomed us with all its beauty and abundance, and we are not returning it, we are only destroying it.

Texto da aluna Adriana Avila

"Todos os participantes tiveram que sair da sua zona de conforto e arregaçar as mangas, experimentar o novo."

Ismael Fernandes, professor de Biologia

Quais habilidades os alunos tiveram que desenvolver?

Não é fácil elencar todas elas, mas eu citaria entre as principais: expressar ideias em outro idioma para pessoas de outras nacionalidades, ter postura diante da câmera de vídeo e explorar a expressão não-verbal, refletir sobre a própria participação no processo de alteração climática. Além disso, os alunos tiveram que desenvolver tarefas de modo colaborativo, essencial para o futuro deles no mercado de trabalho.

Como você avalia o uso de ferramentas tecnológicas?

A tecnologia será incorporada de forma cada vez mais acentuada no ensino. Um pesquisador brasileiro chamado Romero Tori propôs que não deveríamos diferenciar as modalidades em apenas duas: presencial e a distância. Segundo ele, haverá cada vez mais uma mistura dessas duas modalidades – é o *blended learning*, um curso híbrido. O Google Hangout é uma ferramenta típica dessa proposta. Portanto, o Colégio Stockler está saindo à frente das escolas de ensino básico nesse sentido.

O que os alunos e professores do colégio ganham com uma experiência como essa?

Todos os participantes tiveram que sair da sua zona de conforto e arregaçar as mangas, experimentar o novo. Os alunos tiveram a oportunidade única de desenvolver um projeto sem a preocupação com notas, ou seja, o foco foi apenas na aprendizagem. Por outro lado, para nós, professores, foi uma experiência única, o que permitiu a superação de alguns limites. Repensar a educação para as novas gerações que são nativas digitais é essencial para a escola que não quiser ficar obsoleta. ■

Bate-papo

QUEM TEM MEDO DE TECNOLOGIA NA ESCOLA?

professor de Biologia Ismael Fernandes é especialista em tecnologias da aprendizagem. Nesta entrevista, ele fala sobre os principais desafios do projeto e como as ferramentas digitais foram aplicadas a favor de uma experiência de ensino.

PAIS PARCEIROS, FILHOS INDEPENDENTES

Confira algumas dicas para participar ainda mais da vida escolar do seu filho, estreitar a parceria com a escola e aproveitar melhor os recursos que ela oferece – sem interferir no desenvolvimento da autonomia dos jovens

texto PAULA NADAL fotos CAROLINA GONZALEZ

São 15h de uma quarta-feira ensolarada. Para a maioria dos alunos do Colégio Stockler, o período de atividade escolar encerrou-se há algumas horas. Alguns estudantes, no entanto, permaneceram na escola e aproveitam a presença de monitores e orientadores educacionais para estudar. “Eu não consigo me concentrar em casa,” confessa Sophia Mecheloni, do 8º ano do Ensino Fundamental. “Por isso, participo sempre dos grupos de estudo.” Em uma sala de aula próxima, um pequeno grupo de alunos da 1ª série do Ensino Médio está empenhado na preparação para a avaliação de Biologia, marcada para a semana seguinte. “Eu venho a esta monitoria porque Bio é minha matéria favorita,” conta Pedro Borges. “Quando ajudo um colega a estudar, aprendo também.”

Assim como Sophia e Pedro, diversos alunos do Colégio Stockler frequentam a escola à tarde para organizar o material, tirar dúvidas ou, simplesmente, fazer a lição de casa. Trata-se de uma atitude que revela tanto maturidade – para perceber que as tentações que os aguardam em casa podem atrapalhar os estudos, por exemplo – quanto autonomia. Afinal, ao participar dessas atividades extras, esses jovens estão se responsabilizando pela própria aprendizagem.

Formar alunos independentes, capazes de enxergar a relação direta entre escolhas e resultados, é um dos principais objetivos do Colégio Stockler. Mas, é possível acompanhar de perto a rotina dos jovens sem prejudicar o processo, vital, da construção da autonomia? Sim! Para saber como, confira 10 dicas essenciais a seguir.

1.

Seja parceiro do seu filho

A escola oferece uma série de recursos para que os estudantes tenham um bom desempenho. Mas é papel da família acompanhar esse desenvolvimento, olhar as atividades que estão sendo realizadas e incentivar o jovem a usar todas as ferramentas disponíveis. Para Josely Magri, diretora pedagógica do Ensino Fundamental II e da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, “o grande segredo é a parceria. A escola

FAMÍLIA NA ESCOLA

tem que dar conta dos assuntos que são de propriedade dela e ajudar os pais a organizar a vida escolar dos alunos. Mas é dever da família manter uma relação de cumplicidade com essa criança”.

Na etapa pré-vestibular, na 3ª série do Ensino Médio, é necessário que essa parceria se intensifique. “Os pais devem estimular a frequência dos filhos nos plantões de dúvidas, nas aulas de revisão e em todas as demais atividades da escola. Sabemos que isso demanda uma carga enorme de tempo, mas é importante que todos participem”, explica a orientadora Maria José Gimenes, da 3ª série.

A aluna Joanna Manfrin Franklin, do 9º ano, entrou no Stockler em 2012, após ter passado por vários colégios. Estudou em uma escola internacional na Califórnia, em um colégio bilíngue no interior de São Paulo e em outra escola na capital. “Agora que está pelo segundo ano no Stockler, a Joanna tem uma facilidade maior. Hoje, quando se propõe mesmo a estudar, ela estuda e a gente não precisa mais ficar em cima, como fazíamos nos anos anteriores”, conta o pai, Gustavo Franklin.

2.

Pergunte mais! Critique menos

“O Danilo sempre relata para mim a importância de uma aula bem assistida. Muitas vezes se recorda de detalhes que os professores narram em sala de aula, e isso me deixa muito tranquila, pois percebo que a aula se tornou mais que um aprendizado, tornou-se um prazer. É muito gratificante compartilhar estes detalhes diariamente; sinto que mantenho uma posição forte na formação dele, e as cobranças tornam-se desnecessárias.”

Patrícia Martinez Dias Peñas, mãe de aluno

O relato de Patrícia Martinez Dias Peñas, mãe do aluno Danilo Peñas Neto, da 1ª série do Ensino Médio, ilustra como, em geral, os alunos gostam de contar o que estão aprendendo ou o que viveram na escola. É importante que os pais se aproveitem disso para tornar a conversa um hábito.

Para Kátia Ritzman, orientadora educacional da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, a família tem que se envolver, perguntando como foi o dia do filho, verificando, regularmente, se ele precisa de algum tipo de apoio ou quer compartilhar alguma informação. “A escola faz parte dos diálogos da família, assim como o trabalho dos pais também faz. São as rotinas”, diz.

Se esse processo é bem desenvolvido desde a infância, as conversas na adolescência tornam-se trocas e não cobranças. Os bate-papos entre pais e filhos podem, inclusive, girar em torno de questões menos objetivas, afirma Giselle Pretti, orientadora educacional do Ensino Fundamental II. “Em vez de questionar ‘já fez a lição?’, os pais podem pedir para ver o caderno dos filhos, ou, ainda, perguntar por que usam canetas de diferentes cores em seus materiais de estudo”, explica. Quando a conversa foca o cotidiano, ela perde o tom de cobrança e, por isso mesmo, tende a ser mais proveitosa.



3.

Valorize o trabalho dos jovens

Exigir bom rendimento é importante, claro, mas elogiar faz bem ao aluno e é mais um estímulo à autonomia. Dar valor ao trabalho dos filhos também implica confiar nas habilidades de cada criança ou adolescente.

Para Maria José Gimenes, há pais que, por excesso de zelo, infantilizam os filhos ou procuram

a escola com receio de que aquele jovem não seja capaz de cumprir todas as tarefas. Outros, ao contrário, acham que os filhos fazem muito pouco e precisam, sempre, ter um desempenho exemplar. O caminho é o meio-termo: nem vitimizar, nem fazer cobranças excessivas.

"Escutamos as dificuldades e ajudamos a elaborar estratégias para que os alunos superem os problemas. Mas pedimos a ajuda dos pais para que valorizem as qualidades e, com isso, ajudem os filhos a assumir mais responsabilidade."

Josely Magri, diretora pedagógica

4.

Administre as próprias expectativas

Essa dica vale para todos os pais, mas nas famílias dos vestibulandos a atenção deve ser redobrada. Como dissemos na dica número 3, sobre valorizar o trabalho dos alunos, há pais que, por excesso de cuidado, veem os filhos como vítimas e, com isso, deixam de estimular o desenvolvimento de suas competências por meio dos inúmeros desafios inerentes à intensa rotina de estudos da 3ª série do Stockler. Outros costumam pressionar os adolescentes para que façam escolhas rapidamente. E outros não conseguem entrar em acordo sobre o que sonharam para os filhos e quais os desejos daquele adolescente. "Com isso, muitas vezes, a família gera no jovem um acúmulo de carga emocional negativa. Esse processo tem que ser evitado", explica Maria José Gimenes, responsável pela orientação educacional e pelos processos de orientação profissional dos alunos do Ensino Médio.

Os pais de Joanna Franklin já aprenderam a lição. "A nós, não interessa que ela seja a aluna com as notas mais altas. Sabemos exatamente o que ela está aprendendo e como está se integrando", conta Gustavo Franklin.

5.

Garanta um bom ambiente de estudo em casa

A lição de casa e o estudo sistemático demandam um ambiente de trabalho adequado. É tarefa da família garantir espaços organizados, silenciosos e bem iluminados onde o jovem possa se concentrar para estudar. O acesso a bons recursos, como livros de qualidade, computador e internet, também é importante, assim como apoio na administração do tempo.

"Os planos de estudo são elaborados com base na rotina de cada criança, incluindo as atividades que ela realiza fora da escola – um balé, uma academia, uma terapia. Então, eles ajudam a dosar o tempo de estudo. A família só precisa garantir que esses horários sejam cumpridos", afirma Giselle Pretti, orientadora do Fundamental II.

"Às vezes a casa oferece muitas tentações para as crianças e adolescentes: a internet, a TV, o videogame", lembra Maria José, responsável pela orientação dos alunos da 3ª série. Nesses casos, quando a família acha que não vai dar conta de garantir um ambiente propício aos estudos, o mais indicado é que o estudante permaneça no contraturno fazendo as atividades no próprio colégio.

Organização da rotina de estudos

Saiba quais são as ferramentas oferecidas pelo Stockler para despertar nos alunos o prazer de estudar

PLANO DE ESTUDO

Ajuda o aluno a organizar o tempo de estudo e os recursos que vai utilizar na sua rotina extraclasse. Os planos são elaborados individualmente, em parceria com as orientadoras educacionais. No Ensino Fundamental, incluem atividades como "rever o livro", "escrever um resumo" ou "fazer o fichamento do material que está no site". Já no Ensino Médio, essas orientações são menos direcionadas, pois já é possível contar com a autonomia do aluno. Mas há indicações sobre "fazer simulados" ou "fazer revisão dos conteúdos de Química", por exemplo.

FAMÍLIA NA ESCOLA

6.

Fique de olho nos materiais disponíveis no site da escola _____

Basta fazer login no site www.colegiostockler.com para ter acesso às notas, documentos, materiais, proposta pedagógica e avaliações periódicas dos alunos. O calendário anual e os dias e horários de todas as atividades extras que acontecem semanalmente também são publicados lá.

O site traz ainda o conselho de classe, com os resultados das avaliações formativas, que refletem aspectos didáticos e atitudinais. As informações são comunicadas em linguagem simples, e o desempenho em cada categoria é marcado em cores diferentes. Para a diretora Josely, o material é um balizador importante para que os pais entendam o comportamento dos filhos e possam apoiá-los nos pontos críticos.

7.

Antes de recorrer a aulas particulares, descubra o que a escola já oferece _____

O Stockler ajuda os alunos a organizarem os próprios planos de estudo, oferece aulas de tutoria e monitorias, organiza grupos de estudo, plantões de dúvidas e revisões intensivas para o vestibular. Por isso, as aulas particulares só devem ser procuradas em casos especiais e sob a orientação da escola. Para Josely Magri, “há uma certa banalização na procura de aulas particulares. É claro que essa é uma prerrogativa das famílias, mas nem todos os casos exigem uma assistência extraescolar”.

“O trabalho de metodologias de estudo que foi desenvolvido é muito visível”, avalia Gustavo Franklin, pai da aluna Joanna Manfrin Franklin. “Quando consultamos os resumos que ela faz ou os destaques nas fichinhas das partes em que precisa prestar mais atenção, sabemos que ela está sendo autônoma”, completa.

Se o aluno chega em casa e diz “Mãe, não sei nada de Física e tenho prova semana que vem!”, recorrer às aulas particulares não costuma dar bons resultados. “A aprendi-



NA TUTORIA, OS ALUNOS APRENDEM ESTRATÉGIAS DE ESTUDO COMO GRIFAR, RESUMIR E FICHAR TEXTOS



dizagem é processual. No começo, quem não tem o hábito de estudar sofre como alguém que começa a fazer atividades físicas na academia: dói, é difícil, você acha que não vai dar certo, cansa. Depois de uma, duas semanas, seguindo o plano de estudos, torna-se parte da rotina e as provas são apenas a avaliação deste processo”, diz Kátia Ritzman, orientadora educacional do Ensino Médio.

Foi o que aconteceu com Danilo Peñas Neto. “Logo que entrou no colégio, as monitorias foram fundamentais para que ele pudesse se adequar à proposta curricular, especialmente na área de Exatas”, lembra a mãe, Patrícia.

Organização da rotina de estudos

TUTORIA

A tutoria está na grade horária dos alunos do Fundamental. Em uma aula semanal, as orientadoras Giselle Pretti e Sueli Garcia ensinam aos alunos métodos e procedimentos de estudo. Basicamente, as aulas de tutoria têm três objetivos:

- Ensinar aos alunos como estudar, trabalhando metodologias: como fazer um fichamento, o que são os resumos, como usar as fichas e os cadernos de estudo, quanto tempo dedicar a cada atividade etc.
- Ajudar os estudantes a organizar o dia a dia. Segundo Giselle Pretti, em algumas aulas ela e os alunos veem o calendário, preparam-se para o que vai acontecer nas próximas semanas e conversam sobre os processos e as formalidades da escola, como as avaliações, por exemplo.
- Tratar de temas transversais e de assuntos relevantes para o momento do aluno. “Neste ano, por exemplo, fizemos um trabalho muito pertinente sobre educação sexual”, conta a orientadora Giselle.

FAMÍLIA NA ESCOLA

8.

Acredite na proposta pedagógica da escola _____

Um bom jeito de estabelecer uma parceria verdadeira com a escola é acreditar na proposta pedagógica que ela oferece. A escola é exigente, sim, mas na medida certa para que os alunos progridam. A equipe está sempre acompanhando o que cada estudante faz e pensando em estratégias para garantir um melhor aproveitamento. “O colégio oferece a melhor equipe, e em casa eu proponho que caminhemos juntos, sem autoritarismos. Assim, vamos construindo nossos sonhos”, diz Patrícia Dias Peñas.

As diretrizes pedagógicas da escola estão disponíveis no site (e detalhadas na reportagem da pág. 39). Elas também são apresentadas nas reuniões de pais e cada vez que um novo aluno chega à escola.

9.

Participe das reuniões de pais e dos encontros promovidos pela escola _____

O Stockler organiza diversas reuniões de pais. Todos os encontros são agendados com antecedência e, por isso, é importante que as famílias se programem para participar.

Além disso, todas as vezes que a escola percebe alguma dificuldade dos alunos – seja acadêmica, emocional ou de relacionamento – os orientadores educacionais agendam entrevistas com os responsáveis.

Independentemente desses encontros, os pais podem marcar uma conversa com os orientadores sempre que sentirem necessidade. O mesmo vale para os alunos.

“As portas da sala da direção e da orientação estão sempre abertas e os alunos entram para conversar. Eles sentem que são acolhidos e que vamos tratar os problemas com rigor.”

Josely Magri, diretora pedagógica

10.

Busque ajuda sempre que necessário _____

Não hesite em pedir ajuda. O Stockler está de portas abertas para receber os familiares para uma conversa. Manter-se próximo da escola, mesmo com a rotina de trabalho apertada, é essencial. E esse diálogo não precisa acontecer somente nos espaços formais, como as reuniões, mas pode (e deve) ocorrer no dia a dia, por meio de um telefonema; de uma entrevista agendada com os orientadores educacionais ou com os professores; ou até mesmo por e-mail. Conversar com os professores, com a equipe gestora da escola e com outros pais são atitudes essenciais quando se está diante de alguma dificuldade com relação à vida escolar dos filhos.



GRUPO DE ESTUDOS:
OS ALUNOS SE REÚNEM DEPOIS
DAS AULAS NO PRÓPRIO COLÉGIO

Organização da rotina de estudos

GRUPOS DE ESTUDO

Os grupos de estudo acontecem semanalmente no contraturno e são orientados por Giselle. A participação não é obrigatória. “Normalmente, no início do ano letivo, os alunos costumam participar intensamente. Depois, alguns percebem que preferem estudar sozinhos e deixam de comparecer, ou comparecem para tirar dúvidas sobre um determinado conteúdo”, explica.

MONITORIA

A escola oferece, semanalmente e durante todo o ano letivo, monitorias de Física, Química, Biologia e Matemática para os alunos de 1ª e 2ª séries do Ensino Médio. Para os estudantes da 1ª série há, ainda, um estudo orientado em Ciências Humanas. Tudo, evidentemente, contemplado no plano de estudos de cada adolescente.

Toda atenção ao vestibular!

Com a participação ativa nas atividades oferecidas pela escola, o aluno estará mais preparado para prestar os exames das principais universidades do país

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS

Incluída na rotina dos alunos da 3ª série do Ensino Médio e conduzida pela orientadora educacional Maria José Gimenes, trabalha, basicamente, com o desenvolvimento da compreensão dos alunos, da atenção, da concentração e das metodologias de resolução de provas. É oferecida, especialmente, àqueles alunos que apresentam dificuldades.

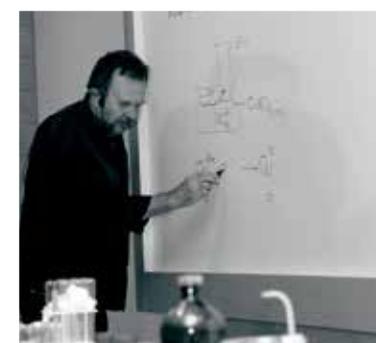
AULAS PLANTÃO

São ministradas pelos professores das próprias disciplinas para que os alunos tirem todas as suas dúvidas. Por isso, é importante que os estudantes sempre façam as tarefas obrigatórias, resolvam os exercícios das apostilas, registrem suas dificuldades e levem aos plantões para saná-las.



REVISÃO INTENSIVA

São aulas preparadas especialmente para os vestibulandos, com professores convidados, agendadas para coincidir com o término de cada apostila do curso semiextensivo (que na 3ª série começa no 2º semestre). Extremamente dinâmicas, acontecem no período da tarde, para resgatar os principais conteúdos de cada apostila e colocar os alunos no clima do vestibular.



RESOLUÇÃO MONITORADA DE VESTIBULARES

Nessa atividade, os alunos resolvem, com os professores, edições passadas dos principais vestibulares do país.

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Esse é um serviço que pode ser contratado pelos pais para ajudar os alunos a fazer uma escolha profissional mais segura. Trata-se de uma série de sete a oito encontros individuais com o aluno, que começa com um teste de maturidade para ajudar a entender se aquele jovem está preparado para a escolha da carreira, ou não. Depois, os participantes entram em contato com várias profissões e têm como missão entrevistar alguns profissionais de suas áreas de interesse. Além disso, os jovens são convidados a conhecer as universidades para que saibam mais sobre diferentes cursos.

À parte esse processo, a escola organiza, anualmente e gratuitamente, o “Mergulho nas Carreiras”, evento com palestras e dinâmicas oferecidas por vários profissionais bem-sucedidos – priorizando os pais dos estudantes. O objetivo é colocar todos os alunos do Ensino Médio em contato com diferentes perfis profissionais, selecionados com base nos pedidos dos próprios adolescentes. ■



É PRECISO UM BOM RITMO DE AULA, SEM ATRASAR NEM ACELERAR EXPLICAÇÕES DE CONTEÚDOS COMPLEXOS

PROFESSORES

em permanente desenvolvimento

Com atividades de formação continuada e avaliação de desempenho, o Colégio Stockler mira o aperfeiçoamento profissional do corpo docente

texto MARIANA STOCKLER fotos CAROLINA GONZALEZ

Projetos político-pedagógico, proposta educacional, currículo... São muitas as maneiras de se referir à filosofia de ensino adotada por uma escola. No entanto, para que essa visão saia do papel e chegue à sala de aula, é preciso que haja intenso alinhamento entre a atuação do corpo docente e o projeto de formação ensejado pelo colégio. Parece óbvio, mas não é. Isso porque a rotina de trabalho do professor é das mais comple-

xas. Lecionar em mais de uma instituição, por exemplo, significa atender a demandas por vezes dissonantes, integrar equipes com dinâmicas completamente diferentes e adaptar-se a condições de infraestrutura diversas. Mesmo quem concentra sua atuação em uma única instituição precisa, ao longo de um dia de aulas, equacionar muitas variáveis, desde a programação, que difere de uma série para a outra, às peculiaridades de cada turma.

Em meio a tanta correria, é fácil perder de vista os objetivos norteadores da proposta educacional eleita pela escola. No Colégio Stockler, prioriza-se o desenvolvimento de competências e habilidades. Para discutir essa visão de ensino com o corpo docente, a escola promoveu, no início de 2013, um ciclo de palestras com Nílson Machado, professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), integrante do grupo de especialistas que criou o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em 1997.

Além dos encontros com o professor Machado, a escola realizou, ao longo do ano, reuniões do corpo docente que tinham por objetivo o compartilhamento de estratégias de ensino. O ponto de partida para essas discussões foi a pergunta “Como é o aluno de hoje?”. Após uma rica troca de experiências, o grupo de professores participantes traduziu suas reflexões em três grandes desafios:

DESAFIOS DO COTIDIANO ESCOLAR

1. Como engajar o aluno que não se mostra comprometido com a aprendizagem?
2. Como ensinar o aluno a filtrar e a hierarquizar as informações que recebe?
3. Como desenvolver no jovem a capacidade de superar desafios e vencer dificuldades?

Grupos de trabalho formados por docentes de diversas áreas, atuantes no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, encarregaram-se de propor soluções para essas questões.

Para o professor de Matemática Fernando da Espiritu Santo, o exercício provocou questionamentos: “Afinal, será que eu pratico isso que estou sugerindo?” O resultado dessa colaboração entre os professores foi uma coletânea de estratégias que servirá como material de apoio e consulta para o corpo docente do Colégio Stockler. “Descobri muitas das meus colegas que eu desconhecia”, comentou a professora de Língua Inglesa, Regina Tarifa. “Essa discussão me levou a repensar a forma de propor algumas atividades em sala de aula”, disse.



OS PROFESSORES ESTÃO SEMPRE EM BUSCA DE NOVAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO



CORPO DOCENTE

OS PROFESSORES BUSCAM
UTILIZAR RECURSOS
VARIADOS, ALÉM DA LOUSA
E DO DATASHOW



INSTRUMENTOS PARA AVALIAR OS PROFESSORES

Outra importante iniciativa do Colégio Stockler, cujo propósito é promover maior alinhamento entre a atuação do professor e a visão educacional da escola, é a avaliação anual do corpo docente. Ao contrário dos chamados “ibopes” realizados, principalmente, nos cursos pré-vestibulares, essa avaliação não estabelece um ranking de professores. Ela serve para estimular a reflexão sobre o impacto das estratégias adotadas pelos docentes na aprendizagem dos alunos.

Baseada no modelo de gestão de pessoas por competências, a avaliação do corpo docente enfoca os hábitos e atitudes do professor que melhor traduzem a visão e os valores do colégio. O instrumento utilizado foi desenvolvido especialmente para o Stockler e é composto de duas partes: um questionário, aplicado a todos os alunos, e uma autoavaliação.

Aos alunos, pede-se que assinalem a frequência com que os docentes adotam esses comportamentos no dia a dia (*leia a lista completa no quadro ao lado*). As informações colhidas por meio desse questionário são comparadas ao desempenho desejável em cada categoria – estipulado pela equipe técnica do colégio – e convertidas em índices.

Já na autoavaliação, o professor relata as experiências vividas durante o ano letivo e faz um balanço de seus erros e acertos, além de sugerir ações para melhorar o funcionamento da escola.

Esses dois instrumentos – o questionário e a autoavaliação – são cuidadosamente analisados pela direção da escola que, em seguida, promove reuniões individuais de feedback com todos os professores.

Comportamentos dos professores avaliados pelos alunos

- Explicar com clareza.
- Engajar o aluno no processo de ensino-aprendizagem, promovendo perguntas, discussões e atividades em classe.
- Demonstrar paciência e disposição para responder às dúvidas dos alunos.
- Explorar recursos além da lousa e do datashow para enriquecer as aulas e torná-las mais dinâmicas (ex.: listas complementares de exercícios, aulas especiais na lousa interativa etc.).
- Ser assíduo na cobrança de lição de casa.
- Atribuir maior significado ao processo de avaliação, o que inclui tanto provas quanto trabalhos.
- Estabelecer um bom ritmo de aula, sem incorrer em atrasos na programação e tampouco acelerar explicações de assuntos complexos.
- Manter a disciplina em sala de aula, promovendo encontros organizados e produtivos.
- Divulgar o resultado de avaliações e trabalhos dentro de prazos razoáveis, garantindo assim que a atividade represente mais do que uma nota e sirva para subsidiar a estratégia de estudo do aluno.
- Checar o material de estudo e dar dicas de como aprimorá-lo (para professores do Ensino Fundamental II).



NÍLSON MACHADO,
ESPECIALISTA EM
EDUCAÇÃO POR
COMPETÊNCIAS
E HABILIDADES

ENTREVISTA

"Sem desejo fundamentado, não há competência"

Um dos criadores do Enem discutiu com os professores do Stockler as peculiaridades do ensino por meio do desenvolvimento de competências e habilidades

Nílson Machado foi chefe do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da FEUSP por mais de sete anos e participou da equipe que, em 1997, idealizou o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), atividade que desenvolveu até 2002. No primeiro semestre, foi convidado para ministrar um ciclo de palestras para o corpo docente. Nesta entrevista, ele esclarece conceitos pedagógicos e analisa o papel do Enem.

Qual foi o seu papel na criação do Enem, em 1997?

Particpei do grupo que formulou o Enem, formado por cerca de 40 pessoas, incluindo Luís Carlos de Menezes e Lino de Macedo, sob a coordenação da professora Maria Inês Fini, da Unicamp. Cada um dos participantes estava relacionado ao ensino de uma disciplina específica do Ensino Médio. A tarefa proposta a todos foi, mais ou menos, a seguinte: *Na escola básica, as disciplinas não são fins, são meios para a formação pessoal. Quais competências básicas são desenvolvidas pela sua disciplina?*

A tentativa era fazer os discursos das disciplinas – algumas vezes intolerantes – convergirem para um núcleo de competências fundamentais, o que, de fato, veio a ocorrer. Assim surgiram as cinco competências do Enem: *domínio de linguagens; compreensão de fenômenos; enfrentamento de situações-problema em diferentes contextos; construção de argumentações consistentes; formulação de propostas de intervenção na realidade.*

Particpei do grupo como professor de Matemática.

É possível transferir a noção de competência do mundo do trabalho para o universo escolar?

A palavra “competência” existe nos dicionários pelo menos desde o século XVIII. Apesar da polissemia, o sentido principal é o de uma capacidade de mobilização de recursos (cognitivos) para a realização de uma tarefa que se deseja, que se projeta. Seus ingredientes fundamentais são o conhecimento, o desejo (projeto) e a mobilização. Sem conhecimento não pode haver competência, ainda que muitos incom-

petentes possam saber de muitas coisas. Sem desejo fundamentado, sem projetos sustentados por valores, também não há competência; a inapetência é a antessala da incompetência. E sem capacidade de mobilização de recursos também não há competência: nada é mais característico da incompetência do que dispor de conhecimento, ter um projeto e não conseguir realizá-lo. Nesse sentido amplo, a ideia de competência transita sem problemas entre os universos da escola e do trabalho.

Estamos diante de mais um modismo pedagógico?

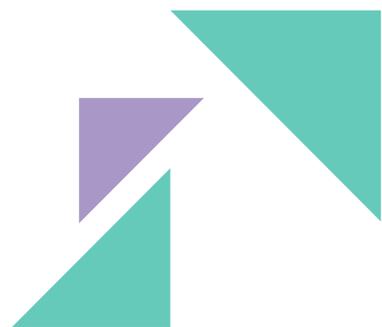
O discurso educacional é muito suscetível a modismos, mas a importância da ideia de competência decorre do fato de que hoje, mais do que nunca, os conteúdos disciplinares são excessivamente extensos e é impossível ensinar “tudo”. Cada vez mais é necessário ater-se ao que é fundamental, centrando a formação pessoal no desenvolvimento de competências básicas, que instrumentem para a busca posterior de conhecimento, que será permanente.

“O sentido principal de competência é a mobilização de recursos (cognitivos) para a realização de uma tarefa que se deseja, se projeta”

O que diferencia uma formação escolar por competências daquela que privilegia o acúmulo de conhecimento?

No mercado de trabalho, hoje, o nomadismo é cada vez mais frequente. Quando um engenheiro civil vai trabalhar no sistema financeiro, ele leva consigo as competências de análise e de síntese, de argumentação e de tomada de decisão, por exemplo, que aprendeu ao estudar as disciplinas da

CORPO DOCENTE



engenharia. Uma formação centrada nas competências viabiliza tal transferência. Alguém que estuda disciplinas sem relacioná-las a múltiplos contextos, que aprende de modo excessivamente vinculado a temáticas específicas, tem mais dificuldade em fazê-lo. O universo do conhecimento é cada vez mais amplo; para explorá-lo com pertinência é preciso ter um elenco de competências gerais.

Isso demanda também professores com competências específicas? Quais?

Professores competentes não nos faltam, a despeito das precárias condições de trabalho. A necessidade de uma formação continuada existe, para os professores e para todos os profissionais. Hoje, toda formação é uma formação inicial; estudar sempre é a regra para todos.

"A necessidade de uma formação continuada existe, para os professores e para todos os profissionais. Estudar sempre é a regra para todos."

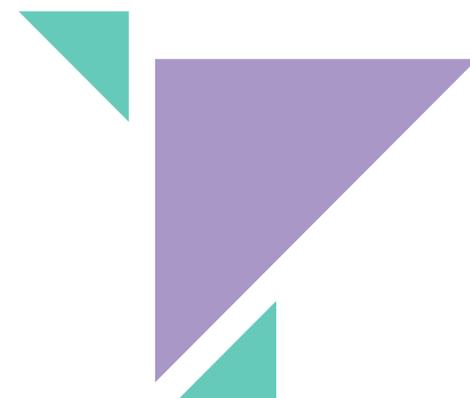
Algumas competências especialmente importantes a ser desenvolvidas são a capacidade de mediação de conflitos de interesse, a capacidade de reconhecer e trabalhar com as ideias fundamentais de cada disciplina, de mapeá-las tendo em vista a construção do significado, e, sobretudo, a capacidade de articular narrativas consistentes e fecundas, disseminando a fé na possibilidade de partilharmos projetos e valores.

Na sua opinião, é possível responder de forma objetiva à pergunta "O que é uma pessoa bem formada"?

Não há uma resposta única; há vários modos de dizer a mesma coisa. Diria que uma pessoa bem formada desenvolveu três eixos de competências fundamentais: *capacidade de expressão de si e de compreensão do outro; capacidade de argumentação (análise) e de tomada de decisão (síntese); capacidade de referir os conteúdos estudados a diferentes contextos, ao mundo dos fatos, e de extrapolação de tal mundo dos fatos, por meio de recursos à imaginação, ou ao mundo dos fictos.*

A resposta dada pelo Enem à questão da "boa formação" também mudou? O que a edição atual mede, de fato?

O Enem sofreu algumas transformações no sentido de se aproximar mais dos conteúdos disciplinares, que desempenha-



vam seu papel de modo, talvez, excessivamente tímido, e isso é bom. Mas ele derrapou na curva seguinte, transformando-se em um processo seletivo do tipo do vestibular, e isso é muito ruim. Questões teóricas importantes, apenas vislumbradas no início, e que deveriam ter sido elaboradas, como a ideia de contexto para as questões, não foram desenvolvidas. A quem lê uma prova do Enem, hoje, parece que para uma questão ter contexto ela precisa ter um enunciado longo, cansativo, cheio de pretextos. "Contexto" parece abreviatura de "com muito texto". E a parafernália da Teoria da Resposta ao Item ainda não mostrou a que veio. Mas o aumento extraordinário do número de participantes tem levando o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) – responsável pelo exame – a preocupar-se quase que exclusivamente com a logística, deixando de lado as questões conceituais.

Qual a sua opinião sobre o ranking das escolas pela nota de seus alunos no Enem?

"Da forma como é feito, o ranking (das escolas pelas notas de seus alunos no Enem) não faz o menor sentido."

Da forma como é feito, o ranking não faz o menor sentido. A diferença entre as, digamos, 50 supostas melhores escolas é da ordem de 50 pontos em 1.000, ou seja, elas são todas equivalentes. Com uma prova com a sensibilidade do Enem, apenas seria possível classificar as mais de 20 mil escolas avaliadas em cerca de 4 ou 5 grupos, como as estrelas que são atribuídas aos hotéis. Eu sei a diferença entre um hotel duas estrelas e um hotel cinco estrelas, mas não sei – nem acho ser possível saber – qual é o melhor hotel do Brasil.

Em seu livro *Educação – Competência e qualidade* (ed. Escrituras), o senhor afirma que "uma ideia inicial de competência pressupõe, então, o desejo de algo, ou seja, a 'apetência' por algum objetivo". Qual o papel da família na criação desse apetite do aluno?

A parceria entre a escola e a família é imprescindível na alimentação dos desejos, dos interesses dos alunos. Não existe exemplo de escola bem-sucedida sem uma partilha de responsabilidades entre a família e a escola. Aos pais não cabe escolher, nem determinar o projeto pedagógico da escola: escolher uma escola em sintonia com os projetos familiares é o limite da participação nesse terreno. Mas, na realização do que se projeta, a participação familiar é fundamental. ■

IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS,
na Pampulha, em Belo Horizonte
Foto: Mayara Rigolo (2ª série A)



2ª
SÉRIE

VEREDAS DA CULTURA

Conteúdos interdisciplinares foram estudados na viagem a Belo Horizonte, Ouro Preto e Brumadinho

Descrição do Projeto

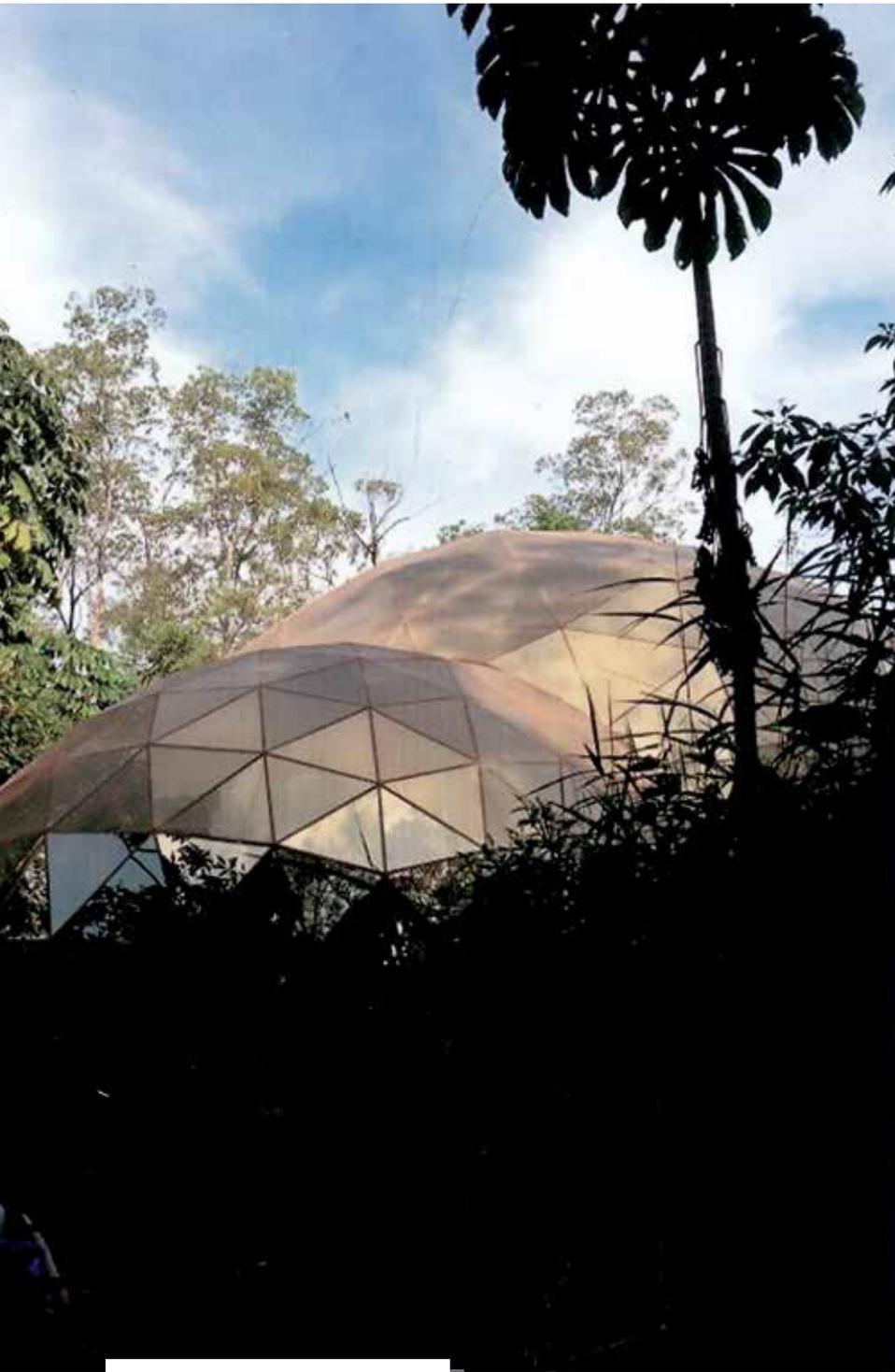
Com o objetivo de refletir sobre diversas questões relacionadas a história, filosofia, ideologia e estética, em maio de 2013, os alunos da 2ª série do Ensino Médio deixaram as salas de aula do colégio rumo a um mergulho artístico e cultural realizado em Minas Gerais.

No roteiro, Belo Horizonte, onde puderam conhecer a Igreja São Francisco de Assis, na Pampulha (foto ao lado). Em seguida, atividades de observação em dezenas de edificações barrocas de Ouro Preto e, finalmente, uma visita ao Instituto Cultural Inhotim, para estudar arte contemporânea e botânica.

Envolvendo as disciplinas de História, Sociologia, Jornalismo, Filosofia, Língua Portuguesa, Matemática, Inglês e Biologia, o trabalho rendeu aprendizagens, recordações e belas imagens, como a desta e as das próximas páginas. ▶

MURAL DOS ALUNOS OBSERVAÇÃO

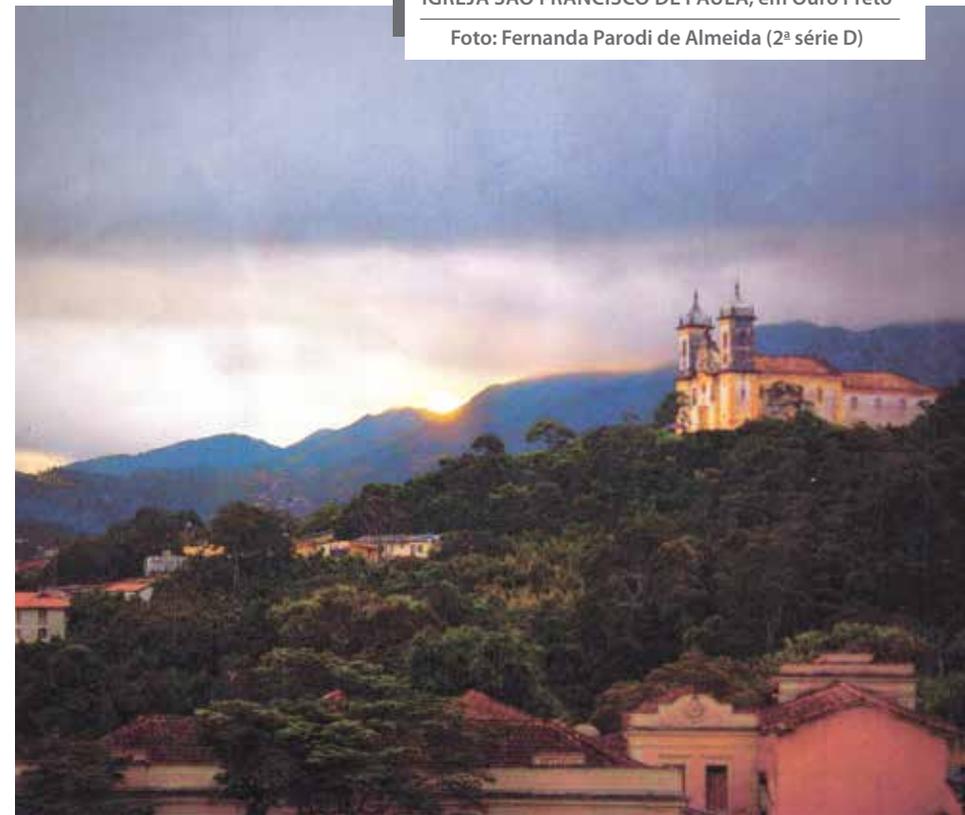
Registros produzidos pelos alunos nos trabalhos de campo de diferentes turmas



“DE LAMA LÂMINA”, DO AMERICANO MATTHEW BARNEY, no Inhotim, em Brumadinho
Foto: Catalina Serrano Rosero (2ª série C)

“TRUE ROUGE”, DO BRASILEIRO TUNGA, no Inhotim, em Brumadinho

Foto: Luiza Rossi M. Brusco (2ª série B)



IGREJA SÃO FRANCISCO DE PAULA, em Ouro Preto

Foto: Fernanda Parodi de Almeida (2ª série D)

CENTRO HISTÓRICO DE OURO PRETO

Foto: Alessandra Sandoval Abbondi (2ª série B)



TRADICIONAL PROCISSÃO CATÓLICA PELAS RUAS DE MARIANA

Foto: Alexandre Cazzaro (2ª série A)



“BEAM DROP”, DO AMERICANO CHRIS BURDEN, no Inhotim, em Brumadinho

Foto: Felipe Gross (2ª série D)

IGREJA SÃO FRANCISCO DE PAULA, em Ouro Preto

Foto: Gabriela Moretti (2ª série D)





© Demian Takahashi

PROJETO A CIÊNCIA E OS SEUS ARTEFATOS NO NOSSO DIA A DIA



Interdisciplinar: Biologia, Física,
Geografia

Descrição do Projeto

Com o objetivo de aprender ciência como algo instigante e criativo, os alunos da 1ª série viajaram para Iguape, Cananeia e Ilha do Cardoso. Além de estudarem a biodiversidade local, puderam conhecer em detalhes o trabalho de uma cooperativa de criação de ostras, compreendendo na prática o conceito de sustentabilidade. Confira algumas descobertas desse projeto.

OSTRAS E O COMÉRCIO SUSTENTÁVEL FERNANDA PINI SAPATA GONÇALVES ARRUDA (1ª série B)

O ciclo da ostra inicia-se na fase de semente, na qual uma larva minúscula de 1 a 2 milímetros é originada. A duração do período larval na natureza é determinada principalmente pela temperatura da água e também pela disponibilidade de alimento. Porém, fatores como salinidade podem inibir o crescimento, causar mortalidade de larvas ou retardar o crescimento.

As pequenas larvas procuram um suporte que lhes convém para se fixar. Depois de fixas, as ostras alcançam um tamanho de 2 a 4 cm num período de seis a oito meses.

Já no manguezal, as ostras se alojam numa lama que foi formada no decorrer dos séculos com o acúmulo de massa orgânica. (...)



Foto: Fernanda P. S. G. Arruda

COOPEROSTRA BEATRIZ XAVIER DE C. RABELLO (1ª série C)

Em 1997, famílias da região, juntamente de instituições governamentais envolvidas na área, criaram a Cooperativa dos Produtores de Ostras de Cananeia (Cooperostrá), com o objetivo de beneficiar os coletores e o meio ambiente.

(...) A dúzia de ostras, que antes era vendida por menos de 1 real, agora é vendida por 5 reais. No início eram capturadas por ano aproximadamente 35 mil dúzias de ostras. Hoje são pegas mais de 70 mil dúzias de ostras anualmente.

Atualmente, 42 famílias estão ligadas a esse processo. Cada cooperado exerce uma função, assim, ninguém fica sobrecarregado.



MÉTODO DE CULTIVO DAS OSTRAS
RAFAEL LAS CASAS GIAROLA (1ª série B)

Segundo Francisco Sales Coutinho, ou Chico Mandira, como é conhecido, a comercialização de ostras foi a resposta econômica a uma progressiva perda de territórios sofrida pelos moradores de Cananeia que perderam sua principal fonte de renda, o palmito e a caixeta. Sem terra nem floresta, mas com mangue de sobra, os moradores do Mandira encontraram nos moluscos sua nova fonte de renda.

(...) O primeiro passo foi construir viveiros de engorda para onde as ostras são levadas depois de coletadas. Também foi estabelecida uma medida para extração, sendo 5 cm como mínimo e 10 cm como máximo.

Após a coleta, as ostras são levadas aos viveiros onde se reproduzem fazendo com que a maré leve seus ovos para o mangue novamente. Nesse local estão protegidas de ondas e ventos e com salinidade ideal.



© Demian Takahashi



Foto: Fernanda M. Fernandes

MULHERES DO MANDIRA
FERNANDA MARTIEWICZ FERNANDES (1ª série E)

Nesta viagem conhecemos a comunidade quilombola do Mandira, onde as mulheres exercem atividades artesanais para ajudar na renda de seus lares.

Elas são autônomas e cada uma recebe por seu próprio artesanato, vendido em uma pequena butique na entrada da comunidade e em pequenas feiras que acontecem ocasionalmente fora da comunidade. “Cada uma separa um tempo livre e chega a fazer até 15 peças em meia hora se o objeto é pequeno e simples”, disse uma delas.

O RETRATO DA SUSTENTABILIDADE NO BRASIL
BRUNA SILVESTRE PRADO (1ª série D)

Descendentes de um filho de dono de uma fazenda (que por sinal é onde está situada a comunidade hoje) e de uma escrava, os moradores da comunidade do Mandira, com muito esforço, conseguiram destaque internacional por causa de sua principal atividade: o cultivo de ostras.

Os remanescentes quilombolas foram explorados por muitos anos, vendendo seu produto a preços baixíssimos. Até que, em 1980, um professor começou a

ajudá-los com trabalhos comunitários. Foi a partir daí que os moradores da comunidade passaram a manejar e cultivar ostras de forma sustentável.

(...) Há alguns anos, quatro projetos de sustentabilidade foram selecionados e levados para a África, e um deles foi o da comunidade do Mandira. Dessa forma, a comunidade foi reconhecida como sustentável pela ONU e ganhou destaque internacional pela sua luta e conquistas.



PROJETO O CORVO

Interdisciplinar: Inglês,
Língua Portuguesa,
Artes Visuais e Teatro

Descrição do Projeto

Com base na leitura e análise do poema "The Raven", de Edgar Allan Poe, da tradução feita por Fernando Pessoa e do livro *O corvo*, traduzido e ilustrado por Manu Maltez, os alunos elaboraram um díptico composto por uma ilustração e uma representação fotográfica de um trecho do poema escolhido por eles. Fizeram também uma apresentação oral – em inglês e em português – para os demais alunos da sala e as professoras envolvidas na atividade, explicando suas produções.



Beatriz Moraes (9º ano A)

*É esta ave estranha e escura fez
sorrir minha amargura / Com o
solene decoro de seus ares rituais.*

FERNANDO PESSOA

Julia Piñeiro
(9º ano C)



*Meu coração se distraía pesquisando
estes sinais. "É o vento, e nada mais."*

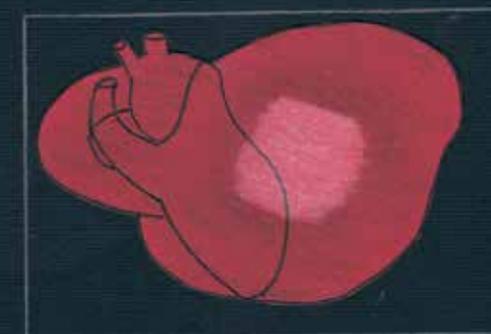
FERNANDO PESSOA



Helena Villalobos (9º ano C)

Then the bird said, "Nevermore."

EDGAR ALLAN POE



Victoria Raissa Raiol Silva
(9º ano B)



Dara Jordan
(9º ano C)



EDIÇÃO DA SCIPIONE, ILUSTRADA
POR MANU MALTEZ, VENCEDORA
DO PRÊMIO JABUTI 2011



Pedro Queiroz Borges
(1ª série E) – 1º lugar

MURAL DOS ALUNOS REFLEXÃO

Narrativas, contos, artigos. A escrita de
sujeitos críticos em formação

Projeto Concurso de fotografia

Disciplina: Jornalismo

Descrição do Projeto

Todos os anos, o Colégio Stockler realiza um concurso de fotografia. Em 2013, o tema foi sustentabilidade. As melhores imagens do ano ilustram as próximas páginas, ao lado dos textos dos alunos, produzidos em diferentes projetos.

PROJETO MITO GREGO

Disciplina: Redação



Descrição do Projeto

Depois de ler e analisar o mito de Pandora, os alunos do 7º ano foram desafiados a reescrevê-lo, explorando os pensamentos e emoções dos personagens.

Muitos anos atrás, os homens dominaram a dádiva do fogo.

Zeus ficou furioso e resolveu punir os homens. Com isso, mandou moldar uma mulher de barro, que ficasse tão linda quanto uma verdadeira deusa, que pudesse falar e se movimentar e cujos olhos encantassem qualquer um.

A deusa Atena fez uma linda roupa para ela, as três Graças a cobriram com joias e as Horas colocaram uma coroa de flores em sua cabeça. Pandora recebeu esse nome pois significa “todas as dádivas”.

No dia seguinte, Zeus mandou seu filho Hermes secretamente ensinar Pandora a contar mentiras. Com isso, a mulher de barro passou a ser dissimulada e perigosa.

Depois, Zeus ordenou a Hermes que desse a mulher de presente para Epimeteu, um homem ingênuo e lento de raciocínio.

Epimeteu tinha esquecido que Prometeu

lhe sugerira para não aceitar presentes de Zeus, então aceitou-a de braços abertos.

Certo dia, Pandora viu uma ânfora bem lacrada, se aproximou dela e, bem na hora, Epimeteu alertou-a para se afastar, pois Prometeu dizia que, se ela abrisse a urna, os espíritos do mal recairiam sobre eles. Então, ela jamais deveria abrir a ânfora.

A mulher não conseguiu controlar sua curiosidade e, então, esperou que seu marido saísse de casa para abrir o jarro proibido.

Logo quando abriu, ela deu um grito. Do interior da ânfora saíram monstros horríveis: o Mal, a Fome, o Ódio, a Doença, a Vingança, a Loucura e outros espíritos maléficos.

Quando conseguiu lacrar o jarro, prendeu um único espírito: a Esperança.

Assim, a curiosidade e a mentira de Pandora se espalharam pelo mundo, tornando os homens duros de coração e cruéis, castigando Prometeu e toda a humanidade, exatamente como Zeus havia planejado.

Carolina Hwang, Juliana Lin,
Luiza Maróstica (7º ano A)

projeto
Concurso de fotografia



Pedro Saliby Duarte
(1ª série B) – 2º lugar

PROJETO CAPITÃES DA AREIA

Interdisciplinar: Língua Portuguesa, Jornalismo, Ciências, Música e Educação Física



9º ANO

Descrição do Projeto

Compreender a obra *Capitães da areia*, de Jorge Amado, estabelecendo relações com a realidade de boa parte dos jovens brasileiros socialmente excluídos. Esse foi um dos objetivos desse projeto no qual os alunos do 9º ano, além de lerem e analisarem a obra do escritor baiano, assistiram ao documentário *Falcão, meninos do tráfico*, de MV Bill e Celso Atayde, e discutiram a polêmica questão da redução da maioria penal, nas aulas de Jornalismo.

O projeto contou ainda com uma aula especial de Ciências sobre a varíola – doença que atinge diversos personagens do livro – e duas aulas complementares sobre a música baiana e a capoeira.

REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL BRASILEIRA: SOLUÇÃO INEFICIENTE E SUPERFICIAL

A discussão acerca da redução da maioria penal no Brasil sempre existiu. Entretanto, o assunto voltou à tona recentemente, após o assassinato do universitário Victor Hugo Deppman, 19, morto após ter seu celular roubado por um jovem que estava a três dias de fazer 18 anos. O assassino foi detido e levado à Fundação Casa, onde cumprirá a pena máxima de três anos. O acontecimento reacendeu as propostas de endurecimento das legislações contra jovens infratores e foi responsável por aumentar, vertiginosamente, a aprovação da sociedade à redução da maioria penal. O assunto é polêmico e levanta questões como a desigualdade social, a violência e o crime, recorrentes nas grandes cidades, bem como as diversas falhas do sistema judiciário de nosso país. Além disso, observa-se que o crime praticado por menores não é uma questão recente. A obra *Capitães da areia*, de Jorge Amado, foi escrita em 1937, em Salvador, e revela a história de um grupo de crianças que, castigadas pela pobreza, vive do roubo. Dessa forma, percebe-se que esse é um problema recorrente e, apesar do tempo que se passou desde a publicação do livro, não se avançou muito na sua solução. A redução da maioria penal representa uma possibilidade de forte apelo midiático, mas acreditar que por

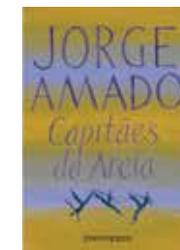
si só ela será capaz de erradicar o problema é um erro. A solução para essa questão envolve múltiplos fatores e deve ser analisada com cautela e ponderação.

As causas das infrações, na maioria das vezes, estão relacionadas a problemas sociais, como a desigualdade, o desemprego e a baixa escolaridade. A pobreza e a falta de oportunidades acabam por levar as crianças à marginalidade. Desse modo, a luta contra a violência no Brasil deve começar pelo aprimoramento das instituições públicas, com o aumento das possibilidades de trabalho e, principalmente, com melhorias na educação. A redução da maioria penal não diminuirá a ocorrência dos crimes praticados por menores sem um trabalho social que lhes ofereça educação e a possibilidade de um futuro promissor longe das infrações.

(...)

Dessa forma, o problema dos menores infratores deve ser estudado como um todo, levando em conta as discrepâncias da sociedade brasileira e a pobreza que permeia esse país. A redução da maioria penal seria uma iniciativa de efeito imediato, porém ineficaz e superficial. Deve-se pressionar o governo para que esse invista em educação, saúde e assistência social, pois só assim poderemos “cortar o mal pela raiz”.

EDIÇÃO LIDA PELOS
ALUNOS EM CASA E EM
SALA DE AULA



Selene Perrotti Zyngier (9º ano B)

PROJETO CONTOS

Disciplina:
Redação



Descrição do Projeto

Elaborar um conto tendo
como protagonista

um personagem

cuidadosamente elaborado
com base em um dossiê.

Esse foi um dos desafios das

turmas do 8º ano. Confira

três trechos de contos que

resultaram desse intenso

trabalho de produção de

texto literário.

A HISTÓRIA DE UM MENINO BAILARINO ERIK PINSKY STREINGER (8º ANO A)

Lucas era do interior da Amazônia, praticamente não conhecia cidades grandes. Morava numa casa pequena e passava a maior parte do tempo brincando no rio com os amigos. Quando tinha 10 anos, seu esporte preferido era futebol, assim como a maioria dos meninos. Morava em uma cidadezinha perto de Manaus, chamada Manaquiri. Para a capital mesmo, Lucas tinha ido apenas uma vez visitar sua tia.

Era um menino do interior, acostumado com a calma, com o barulho do rio e dos pássaros.

Na escola, Lucas sempre fora um bom aluno, ao contrário de sua única irmã, Cinthia, que era mais velha. Ser bom estudante não o impedia de gostar de fazer maluquices como, por exemplo, fazer brincadeiras nas aulas.

Lucas tinha alguns medos, e principalmente pavor de cobras. Era um pavor antigo. Quando era mais novo, tinha ido com os pais para um passeio no rio, e durante a excursão viu uma serpente gigantesca, uma sucuri, comendo um animal grande.

Até os 14 anos Lucas nunca tinha visto um espetáculo de balé. Quando seus pais o convidaram para assistir a um grupo que se apresentava na capital, ele reagiu inicialmente com mau humor. Acabou indo com os pais, e quando chegou ao Teatro Amazonas, ficou impressionado com o tamanho daquele lugar. No teatro havia muitas pinturas. Ele também observou muita gente tentando comprar ingresso, e as pessoas estavam vestidas de maneira muito chique. Naquele momento, ele viu alguns jornalistas entrando na sala do espetáculo e posicionando suas câmeras para o palco. Quando o show começou, viu os bailarinos dançando de um jeito muito bonito. Ficavam pulando e girando de um jeito que fez Lucas pensar, “como eles conseguem fazer isso?”. Foi nesse momento que começou a se interessar pela dança.

Quando o show acabou, Lucas estava muito impressionado e disse aos pais que ia começar a trabalhar só pra ter aula de balé.

(...)

projeto
Concurso de fotografia



Fernanda Markiewicz Fernandes
(1ª série E) – 3º lugar

A INESQUECÍVEL MANIFESTAÇÃO
GABRIELA CATAFY
 (8º ANO A)

(...)

Chegando em casa, Amanda fez o habitual: lições, leitura, conversa com as amigas, “surf” na internet, entre outras coisas. Quando ouviu o barulho vindo pela janela, logo a abriu e ficou olhando o movimento por um longo tempo. Como era sexta-feira, seus pais foram jantar fora e Amanda ficou sozinha. Logo sentiu aquele sentimento de querer lutar e ir se manifestar na rua; então pegou uma calça jeans, uma blusa branca, vestiu seu tênis, pegou uma máscara branca, colocou no rosto e escreveu o seguinte cartaz:

“PELA MORALIZAÇÃO DO
 NOSSO PAÍS”

Então, na maior alegria e agitação, foi para a rua. Lá, ela fez amizades, gritou, se divertiu e o mais importante de tudo: lutou pelos seus direitos. Havia muitas pessoas revoltadas e bravas, com raiva dentro delas. Naquela situação, ela percebeu como a sua vida era

boa e que ela estava lutando para ajudar os outros, para acabar com a roubalheira dos políticos e por um país melhor. Muitas pessoas estavam lá porque realmente não tinham uma qualidade de vida boa e necessitavam melhoria na saúde, na educação e no transporte.

Amanda fez amigos que enquanto protestavam, ensinaram muitas coisas para ela. No meio dessas pessoas havia um menino que se destacava: ele também usava uma máscara branca, estava com uma blusa preta e uma calça jeans. Amanda não sabia direito por que ela sentiu admiração e atração por ele. (...) Decidiu se aproximar dele e puxar conversa, nenhum dos dois conseguia ver o rosto do outro, mas eles começaram a conversar e logo de cara ficaram íntimos. Amanda então perguntou:

– Por que você decidiu vir protestar?

– Bom, eu pretendo ser um político no futuro, quero melhorar e modernizar o nosso país, e tudo isso que está acontecendo me fez pensar: por que não começar agora, lutando pelo nosso país?

Amanda ficou muito impressionada com a resposta do garoto!

– E você? Perguntou o garoto.

– Eu vi o protesto da janela do meu quarto e achei que seria legal lutar por um país melhor.

Os dois passaram um longo tempo conversando e se conhecendo melhor. Amanda sentia que conhecia esse garoto de algum lugar, mas estava sem coragem de mostrar seu rosto e de descobrir a verdadeira identidade dele; mas algo surpreendente aconteceu enquanto conversavam:

– Você está saindo com alguém? – perguntou o garoto.

– Na verdade não, eu gosto de um amigo, nós nos conhecemos desde os 7 anos, mas nunca falei pra ele o que sinto e não sei se ele corresponde.

– Eu também gosto de uma amiga que eu conheço desde os 7 anos, ela é muito legal e nós dois temos muitas coisas em comum, mas ela é um pouco metida e

provavelmente nunca viria aqui na rua se manifestar. Ela acha que a vida dela é ótima, então não tem com o que se preocupar.

– Talvez vocês devessem conversar e falar sobre o que não gostam um no outro e resolver suas pequenas diferenças e lembrar os ótimos momentos que vocês já passaram juntos. – Amanda falou, emocionada.

Ele respondeu entusiasmado:

– Eu lembro do dia em que a conheci, nós estávamos no primeiro ano, ela era uma aluna nova na sala e nesse dia usava um vestido florido, com o cabelo preso em um rabo de cavalo. Na aula de artes ela derrubou tinta azul em mim, então passamos o primeiro ano inteiro brigando e depois viramos grandes amigos.

Nesse momento, Amanda gelou. A menina com vestido florido e rabo de cavalo era ela e o menino em quem ela tinha derrubado tinta azul era seu grande amor. Então ela tirou a máscara e ele viu seu rosto, ele também tirou a máscara e os dois deram um grande abraço e falaram tudo que sentiam.

(...)

projeto
 Concurso de fotografia



Gustavo Sanseveriano Castillo
 (1ª série B) – 4º lugar

RONALDO E O MISTÉRIO DO CASARÃO – THEO BARBARA (8º ANO A)

Ronaldo e seus amigos andavam preocupados com os mistérios que rondavam o velho casarão. Havia boatos de que um velho habitava aquele velho casarão. Diziam que o velho era um monstro, um vampiro, cientista maluco, doido ou coisa parecida. Por isso, Ronaldo e seus amigos ficavam jogando pedras em sua casa.

Ronaldo era um simples menino que, com seus amigos, ficava jogando bola na rua de sua casa. Eles frequentavam a mesma escola e clube atlético. Normalmente,

depois da escola, quando voltavam para suas casas, entravam no Skype e ficavam discutindo sobre o velho casarão.

Mas a pergunta que não se queria calar era: Como era o velho?

Poucos podiam descrever, mas as más línguas diziam que quando jogavam pedras em sua casa, ele berrava e seu corpo aparecia na janela como uma sombra. Não era o que os meninos viam.

(...)

No dia seguinte, os meninos chegaram à

casa de Seu Antônio. Marina os recebeu feliz, a casa parecia velha por fora, mas bonita por dentro. Eles foram direto para o jardim, onde Seu Antônio estava numa cadeira de rodas regando suas plantas. Recebeu-os com um sorriso no rosto. O jardim de Seu Antônio tinha as mais bonitas flores: rosas, bromélias, girassóis, violetas, orquídeas e até tulipas. As cores e aromas estavam por toda parte. Seu Antônio podia ter problemas nas pernas, mas as mãos eram abençoadas.

(...)

**projeto
Concurso de fotografia**


Bruno Winnubst
(1ª série B) – 5º lugar

**PROJETO
BLOG A HORA
E A VEZ**

@
2ª SÉRIE

Disciplina: Jornalismo

Descrição do Projeto

O blog A Hora e a Vez

(www.colegiostockler-blog.com)

é o ambiente virtual no qual são publicadas as produções dos alunos da disciplina de Jornalismo da 2ª série do Ensino Médio. O ponto de partida dos textos são as inquietações dos próprios estudantes sobre situações observadas em suas vidas. Os temas são discutidos coletivamente antes da pesquisa e da estruturação do texto.

“Os jovens são continuamente incentivados a enfrentar a tarefa da produção dos artigos utilizando a técnica mais importante no jornalismo: o questionamento”, afirma o professor da disciplina, Ivan Paganotti, no texto de apresentação do blog. A seguir, alguns destaques mais polêmicos de 2013.

O discurso vazio das manifestações brasileiras

Camila Reis
e Luiza Rossi
(agosto de 2013)

O OUTRO LADO DOS PROTESTOS QUE OCORREM ULTIMAMENTE NO BRASIL E O DESVIO DAS PAUTAS INICIAIS SÃO PREOCUPANTES

As manifestações que ocorrem desde junho, em diversas cidades do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, entre outras, estão afastando-se do objetivo inicial proposto. Os protestos começaram por meio de eventos criados na rede social Facebook, por membros do Movimento Passe Livre (um movimento social brasileiro que luta por um transporte público de qualidade) com objetivo da revogação no aumento da tarifa dos ônibus, em 20 centavos.

Tendo início no dia 10 de junho, o primeiro ato envolveu cerca de 5 mil pessoas na Avenida Paulista, em São Paulo e foi, de forma violenta, reprimido pela Polícia Militar (PM), assim como o segundo ato que ocorreu no dia 13 de junho. Ambos foram totalmente recriminados e julgados pela mídia, que chamou os protestantes de vândalos e reclamou do trânsito causado pelo protesto.

Após inúmeras prisões realizadas apenas pelo porte de vinagre (uma vez que vinagre atenua o efeito do gás lacrimogêneo jogado pela PM) e pela violência exuberante da polícia, que chegou até ferir grupos de reportagem, a mídia e grande parte da população mobilizou-se para o próximo ato. ▶

Daí então desviou-se totalmente a proposta das manifestações. O que começou com, na maioria, jovens ligados a ideias de esquerda, passou a ser tomado por ideias voltadas a pessoas de direita: com bandeiras do Brasil, cantando o hino, cartazes com discursos totalmente vazios e, muitas vezes, fascistas, uma vez que defendiam ideias radicais que iam contra uma democracia liberal. Após as imagens expostas na mídia sobre a violência da PM, de repente, a situação mudou e não houve mais violência, só para aqueles considerados “baderneiros”. Isso demonstra o sensacionalismo midiático: invadir um banco privado, deixar marcas em um espaço público não demonstra vandalismo, e sim, revolta contra o capitalismo que domina a sociedade atual.

A partir disso, milhares de pessoas aderiram ao movimento “lutando” por direitos. O que é preocupante é o que as pessoas sem menor experiência política (e totalmente manipuladas por mídias sensacionalistas) estão demandando. Escrever em cartazes “fim da corrupção”, “fora Dilma”, “antipartidarismo”, “sou brasileiro com muito orgulho” só demonstra a falta de informação e senso crítico, já que a não existência de partidos políticos, o impeachment da presidente e o nacionalismo abundante não respeita as diferenças sociais. Uma vez que uma manifestação social não é bem definida, ocorre o risco de acontecer o pior – como ocorreu no início do Estado Novo e o Golpe Militar em 1964 no Brasil.

Sem nenhuma reivindicação concreta e após a redução da tarifa para 3 reais, os manifestantes conservadores e reacionários saíram às ruas no sexto, sétimo ato, festejando como se a diminuição da tarifa fosse atribuída a eles. E o mais inquietante: os



mesmos meios de comunicação que no início estavam apoiando a repressão da Polícia Militar, estavam agora defendendo e incentivando os protestos (e, claro, condenando os “baderneiros” que denegriam a imagem pacifista do movimento).

A ideia foi roubada por ufanistas que, até pouco, reclamavam do trânsito gerado e que, em grande parte das vezes, criticam os movimentos sociais que ocorrem no Brasil. O pior ainda estava por vir, pois no décimo dia de manifestações,

“O preocupante é o que as pessoas sem menor experiência política (e totalmente manipuladas por mídias sensacionalistas) estão demandando.”

ocorreu o que se temia pelos grupos de esquerda: bandeiras de partidos foram queimadas e pessoas esquerdistas foram violentadas e atacadas por indivíduos totalmente fascistas. Os que estavam desde o início tomando balas de borracha, sendo atingidos por gás lacrimogêneo, agora estão sendo chamados de oportunistas.

E, dessa forma, as manifestações continuam, sem ter uma ideia concreta. Por mais que grande parte da sociedade esteja revoltada com as más condições do serviço público, sem qualquer tipo de discussão e percepção política, é provável que só exista uma regressão, e não um progresso. Enquanto não houver uma conscientização da população do que pode ocorrer com esses discursos opressores, não vai existir a possibilidade de ideologias que pensem num coletivo e numa melhoria social – e o benefício de uma minoria vai prevalecer.

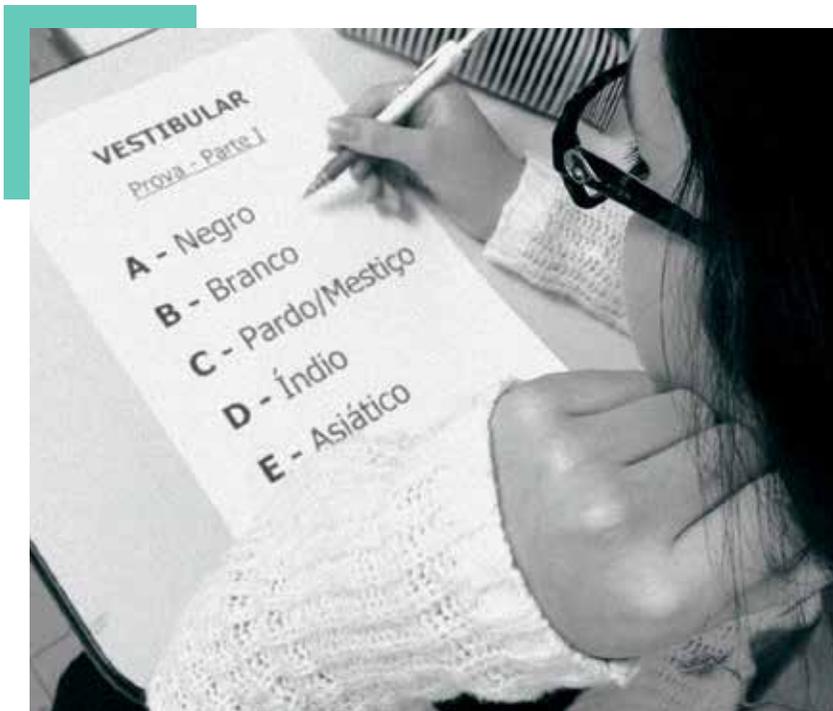
Cotas universitárias: novo jeitinho brasileiro?

O TEMA DAS COTAS UNIVERSITÁRIAS NAS FACULDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS GANHA ESPAÇO EM DISCUSSÕES ULTIMAMENTE POR ELAS PODEREM AUXILIAR OU PREJUDICAR O ALUNO QUE ESTÁ PRESTANDO VESTIBULAR

Catalina Serrano e Catarina Fernandez (setembro de 2013)

O sistema de cotas surgiu nos Estados Unidos na década de 60, com a finalidade de diminuir a desigualdade econômica e social entre negros e brancos. Atualmente está proibida pela Suprema Corte dos EUA, porque aumenta a discriminação racial e contradiz o conceito de igualdade e a autonomia universitária. As cotas também são utilizadas em países como África do Sul e Índia, entre outros, como o Brasil. No Brasil esse sistema vem ganhando força desde 2002; recentemente, o Supremo Tribunal Federal brasileiro autorizou e incentivou a implanta- ▶

"As cotas parecem ser uma solução rápida para um problema mais profundo, que é o da educação pública fraca. Mas elas não vão resolver isso."



ção do sistema de cotas, gerando muita polêmica e preocupando alunos de escolas particulares, já que eles acabam sendo os mais prejudicados.

A adoção do sistema de cotas na sociedade brasileira se baseia na tentativa de corrigir a injustiça gerada pela escravidão no passado. Essa injustiça histórica fez com que índios e negros tivessem menos oportunidades de acesso ao ensino superior e, por esse motivo, grande dificuldade para arranjar

empregos de qualidade. A instituição de cotas parte do princípio de igualdade econômica, social e de ensino para que a sociedade seja mais democrática.

(...)

As cotas parecem ser uma solução rápida para um problema mais profundo, que é o da educação pública fraca. O sistema de cotas não irá resolver esse problema, já que é apenas uma solução superficial. As cotas acabam prejudicando a universidade principalmente

no que diz respeito ao nível de ensino, à qualidade de pesquisas acadêmicas e o progresso da educação básica.

Ao melhorar o ensino público, não seria necessário o sistema de cotas, pois os alunos de escolas públicas teriam o mesmo potencial de alunos de escolas particulares, e todos estariam em pé de igualdade na hora do vestibular, acabando com a competição e a comparação entre o ensino de escolas públicas e particulares.

Funkofobia

O SENTIMENTO
PRECONCEITUOSO QUE SE TEM
SOBRE ESSE GÊNERO MUSICAL

Fernanda Gama e
Joyce Melo
(agosto de 2013)

O Funk é um gênero musical que atrai a atenção por ser uma pauta polêmica sobre a qual todos parecem ter uma opinião formada. Elas se dividem entre gostar ou não da categoria – e não há espaço para neutralidades. Mas nem sempre o motivo que leva alguém a não apreciá-lo é o fato do arranjo harmônico não agradar. Aliás, é muito comum o funk ser alvo de preconceito e críticas. Ele passa, atualmente, pela mesma realidade que o samba passou nos primórdios de sua aparição.

Antes de tudo, deve-se ter em mente que preconceito é uma postura ou opinião a respeito de algo ou alguém formada de maneira prematura, ou seja, concebida sem análises fundamentadas e sem conhecimento sobre o objeto em questão. A palavra é, geralmente, usada para se referir às intolerâncias acerca do que é



"Ele (o funk) passa pela mesma realidade que o samba passou nos primórdios de sua aparição."

diferente, que causa estranheza por fugir de um padrão estabelecido pela sociedade como conjunto, por um grupo ou indivíduo. É nesse contexto que o funk aparece.

(...)

Assim como o samba, que nasceu em berço colonial em meio às rodas de escravos e sofreu grande rejeição por parte da população antes de se tornar uma das maiores expressões culturais do país, o funk brasileiro também tem suas raízes na periferia e, por isso, acaba sendo associado à cultura negra e às classes sociais mais baixas, o que gera o preconceito. Outra frase popular entre seus opositores mais fervorosos é que "funk não é cultura". Uma vez que o ritmo é a expressão dos ideais, ideologia e realidade de um grupo – seja ele qual for – como pode ser desprezado e desconsiderado perante a sociedade?

O funk é a manifestação de uma cultura, e assim como qualquer outra, deve ser respeitada. Desprezá-la seria o equivalente a desprezar um povo, um grupo inteiro, parcela significativa da população brasileira. Considerar válidos somente aqueles que compõem a cultura erudita é um terrível engano.

PROJETO O QUE É MATEMÁTICA

Disciplina: Módulo
de Matemática



1ª SÉRIE

Descrição do Projeto

Na disciplina Módulo de Matemática, os alunos da 1ª série do Ensino Médio estudam os pré-requisitos básicos para acompanhar o conteúdo não apenas de Matemática, como das disciplinas que dela dependem – Física e Química, por exemplo. No segundo semestre de 2013, o professor Fernando da Espiritu Santo Filho propôs uma discussão sobre a questão: “O que é a Matemática?” Cada aluno deveria apresentar suas ideias por meio de comentários em um blog. “Com essa ferramenta, eles puderam analisar com calma a opinião dos demais colegas”, avalia Fernando. Leia fragmentos desse debate virtual.

Como todas as outras Ciências, a Matemática, na minha opinião, também passa por uma série de evoluções. Desde a antiguidade até os dias de hoje, todos usamos a Matemática mesmo quando nem pensamos em usá-la, mas para isso acontecer o homem teve de inventá-la.

Nicolle Rocha Chatah, 1ª série A

Quando chegamos numa dúvida como: “o homem criou a Matemática ou ela já existia?”, fica evidente que o homem apenas precisou de um estopim para que passasse a usá-la em seu cotidiano, e passou a se equivocar ao dizer que por ele foi criada. Portanto é possível concluir que em uma simples ação da natureza, como a queda de uma folha de uma árvore, a Matemática existe, porém, ela não foi criada pelo homem, apenas descoberta e aplicada até hoje em dia com uma grande importância.

Felipe Takata, 1ª série D

Matemática é a constante busca da verdade, é a tentativa de compreender o universo. Um exemplo que corrobora com a teoria de que descobrimos a Matemática é a sequência de Fibonacci, presente em várias coisas da natureza como bromélias, caracóis e o próprio corpo humano. Essas características naturais existem muito antes do ser humano utilizar a matemática, provando assim que não a inventamos, mas sim tentamos decifrá-la.

Lucas Farah, 1ª série B

Matemática, na minha opinião, não pode ser definida como uma invenção humana, pois esteve sempre presente no mundo, onde foi descoberta e é constantemente aprimorada. Ela nos ajuda a descobrir o mundo e tudo que nele está presente.

Marcella Alves, 1ª série A

A Matemática existe há muito tempo, desde antes do homem, desde antes da Terra, talvez ela tenha começado junto com o universo, uma prova básica e simples disso é o cotidiano da natureza, quando se tem 20 maçãs numa macieira e se perdem 10, vão restar 10 maçãs na macieira, isso é um fato desde antes dos seres humanos existirem. Então, sim, a Matemática existe e existiria sem a presença dos homens.

O problema é que uma simples conta de subtração não é toda a Matemática, ela é muito mais do que isso, e é muito mais complexa. Muitas coisas da matemática não são usadas na natureza, podem ser verdades e existiram. Mas elas simplesmente não acontecem de forma tão natural e foram criadas e melhoradas pelo homem, um exemplo disso é grande parte de Geometria. Você raramente conseguirá encontrar algo de forma perfeita na natureza (...)

Concluindo (caso o meu raciocínio tenha ficado muito confuso): acredito que a Matemática BÁSICA seja algo natural, existente na natureza, e o homem pegou essa Matemática, melhorou-a, incrementou-a e a usou para beneficiar nossas vidas.

Pedro Borges, 1ª série E

Matemática é a decodificação, sistematização e tradução de padrões encontrados na natureza e no mundo que vivemos. Por meio de instrumentos da matemática, como unidades de medida, e os próprios números, podemos enxergar de maneira mais concreta o espaço, o tempo e energia. Os padrões sempre estiveram no universo, e não são de autoria dos humanos. Porém o mecanismo usado para quantificar, calcular e compreender estes padrões é uma invenção humana. Portanto, podemos dizer que a Matemática é a linguagem que nos conecta com a linguagem da natureza, já que nos ajuda a compreendê-la e a enxergá-la.

Filipe Xavier, 1ª série C

A integra das discussões está nos blogs:

1ª série A: 1amodulo.wordpress.com

1ª série B: fucaparecida.wordpress.com

1ª série C: modulo1c.wordpress.com

1ª série D: modulo1d.wordpress.com

1ª série E: maspera.wordpress.com

Sobre o Colégio Stockler

Inaugurado em 1998, o Colégio Stockler foi concebido como uma casa de estudos onde a qualidade do ensino viesse, realmente, em primeiro lugar. Para isso, investimos na criação de uma estrutura acolhedora – as salas de aula têm, no máximo, 25 alunos – e em um corpo docente tão qualificado quanto comprometido com a evolução dos estudantes. Instituímos, ainda, o olhar atento para as necessidades individuais do aluno, prática que contribui para que cada estudante usufrua ao máximo da vivência escolar proporcionada pelo Stockler.



Ensino Fundamental II – Ensino Médio
R. Barão do Triunfo, 648 – Brooklin
São Paulo-SP
www.stockler.com.br
(11) 5533-3752 / (11) 5093-8682